

ANEXOS

Índice de anexos

Anexo nº1 – Caracterização do grupo de crianças do contexto de EPE	4
Anexo nº2 – Caracterização do grupo de crianças do contexto de 1ºCEB	11
Anexo nº3 – Reflexões nº1 no contexto de EPE	12
Anexo nº4 – Reflexão nº2 no contexto de EPE	13
Anexo nº5 – Reflexão nº3 no contexto de EPE	18
Anexo nº6 – Reflexão nº4 no contexto de EPE	20
Anexo nº7 – Reflexão nº5 no contexto de EPE	21
Anexo nº8 – Reflexão nº6 no contexto de EPE	25
Anexo nº9 – Reflexão nº7 no contexto de EPE	28
Anexo nº10 – Reflexão nº8 no contexto de EPE	30
Anexo nº11 – Reflexão nº9 no contexto de EPE	37
Anexo nº12 – Avaliação nº1 da estagiária no contexto de EPE	41
Anexo nº13 – Avaliação nº2 da estagiária no contexto de EPE	42
Anexo nº14 – Avaliação nº3 da estagiária no contexto de EPE	44
Anexo nº15 - Instrumentos de participação e avaliação pelas crianças no contexto de EPE	46
Anexo nº16 – Quadro 1 com registos de assembleia no contexto de EPE	47
Anexo nº17 – Quadro 2 com registos de assembleia no contexto de EPE	47
Anexo nº18 – Quadro 3 com registos de assembleia no contexto de EPE	48
Anexo nº19 – Quadro 4 com registos de assembleia no contexto de EPE	48
Anexo nº20 – Quadro 5 com registos de assembleia no contexto de EPE	49
Anexo nº21 – Atividade de relaxamento no contexto de EPE	50
Anexo nº22 – “O que andamos a investigar” Espaço implementado no contexto de EPE	50
Anexo nº23 – “Pais na escola” Atividade realizada no contexto de EPE	51
Anexo nº24 – “O livro da culinária” Dispositivo pedagógico criado no contexto de EPE e atividades que fomentaram o mesmo	52
Anexo nº25 – Guião da entrevista à educadora no contexto de EPE	53
Anexo nº26 – Análise da entrevista à educadora no contexto de EPE	54
Anexo nº27 – Reflexão 1 no contexto de 1ºCEB	57
Anexo nº28 – Reflexão 2 no contexto de 1ºCEB	60
Anexo nº29 – Reflexão 3 no contexto de 1ºCEB	63

Anexo nº30 – Reflexão 4 no contexto de 1ºCEB	65
Anexo nº31 – Reflexão 5 no contexto de 1ºCEB	67
Anexo nº32 – Reflexão 6 no contexto de 1ºCEB	70
Anexo nº33 – Reflexão 7 no contexto de 1ºCEB	72
Anexo nº34 – Atividade 1 no contexto de 1ºCEB	75
Anexo nº35 – Atividade 2 no contexto de 1ºCEB	76
Anexo nº36 – Atividade 3 no contexto de 1ºCEB	77
Anexo nº37 – Atividade 4 no contexto de 1ºCEB	78
Anexo nº38 – Atividade 5 no contexto de 1ºCEB	79
Anexo nº39 – Instrumentos (1 e 2) de participação e avaliação pelas crianças no contexto de 1ºCEB	80
Anexo nº40 – Instrumento 3 de participação e avaliação pelas crianças no contexto de 1ºCEB	81
Anexo nº41 – Instrumento 4 de participação e avaliação pelas crianças no contexto de 1ºCEB	82
Anexo nº42 – Instrumento 5 de participação e avaliação pelas crianças no contexto de 1ºCEB	83
Anexo nº43 – Instrumentos 6 de participação e avaliação pelas crianças no contexto de 1ºCEB	85
Anexo nº44 – Guião da entrevista à professora no contexto de 1ºCEB	87
Anexo nº45 – Análise à entrevista da professora no contexto de 1ºCEB	88

Anexo nº1 – Caracterização do grupo de crianças do contexto de EPE

Conhecer o grupo de crianças que temos diante de nós e com o qual iremos percorrer com cada um, um percurso diferente, mesmo que juntos, ao longo de todo ano, é fundamental. Arriscaria dizer que, é chave de todo o sucesso.

O conhecimento da criança e da sua evolução constitui o fundamento da diferenciação pedagógica que parte do que esta sabe e é capaz de fazer para alargar os seus interesses e desenvolver as suas potencialidades. Este conhecimento resulta de uma observação contínua e supõe a necessidade de referenciais tais como, produtos das crianças e diferentes formas de registo (DEB, 2002:25).

Para que isto seja possível, é fundamental adequar o processo ensino/aprendizagem de forma a promover um desenvolvimento integral e integrante das crianças. Este conhecimento da evolução do desenvolvimento da criança, permite uma diferenciação pedagógica, para que a partir do que a criança já sabe, se desenvolvam os seus interesses e consequentemente a sua aprendizagem.

Desta forma, é necessária uma observação atenta e, que se encontre sempre em constante atualização, de todos os aspetos que fazem parte do desenvolvimento de cada criança, tendo em conta que nenhuma criança é igual a outra e, que por isso, não devemos descuidar, mas sim procurar valorizar as individualidades dentro do mesmo grupo.

Esta caracterização de grupo foi fundamentada através de documentos como as fichas de anamnese e também através de informações que foram dadas até ao momento pela Educadora e auxiliar. Já no 2º semestre estas mesma caracterização foi aprimorada tendo por meio grelhas de observação do grupo.

Foram assim analisadas as seguintes características que acredito serem as mais importantes para que nos seja possível contextualizar o grupo e desenvolver um trabalho adequado e positivo para cada uma destas crianças.

O grupo de crianças tem idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos de idade, sendo este constituído por 16 crianças dividido de forma homogénea ao nível do género, tal como observado através do gráfico 1 abaixo apresentado.

Gráfico 1- Número de crianças por género



O género é uma das características que poderá influenciar um grupo com esta idade, na medida em que tendencialmente as crianças costumam brincar com outras crianças do seu género. No entanto, foi observado que no que concerne ao grupo em estudo, as crianças do mesmo género não brincam sempre com as mesmas crianças, ou do mesmo género. Mais ainda, têm gosto por experimentar quase todas as áreas da sala.

Na minha opinião este é um dos grandes fatores positivos no grupo e o qual me pode ajudar bastante no trabalho que possa realizar junto delas ao longo deste ano letivo, nomeadamente ao nível dos diferentes Domínios de desenvolvimento destacados pelas Orientações Curriculares.

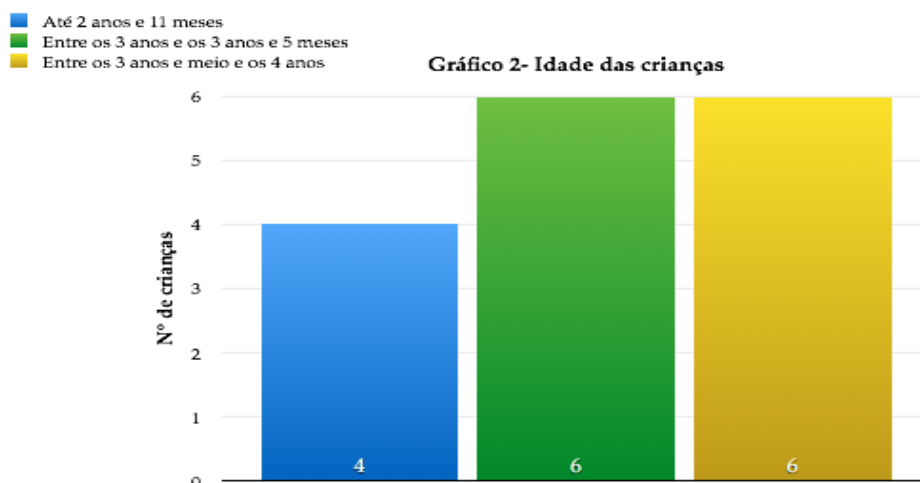
Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p. 35) há diversos fatores que influenciam o funcionamento de um grupo, tais como, “as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menos número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades das crianças, a dimensão do grupo.”

Com a análise do Gráfico 2, verificamos que, no que diz respeito à idade das crianças, a homogeneidade já não predomina, sendo este grupo heterogéneo quanto às idades. Na medida em que, as suas idades distanciam-se em 11 meses, nas quais 4 crianças ainda têm 2 anos, 6 crianças completaram recentemente os 3 anos e 6 crianças estão quase a completar os 4 anos.

Desta forma, achei bastante pertinente analisar a heterogeneidade das crianças deste grupo, não só a nível de idades, como também de culturas (gráfico 4). Sendo que desde cedo senti que a mesma traz fatores positivos e menos positivos para o grupo.

Tendo em conta as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), compreendemos que toda esta diversidade de características, ou seja, que a heterogeneidade do grupo possa facilitar o desenvolvimento das crianças, pelo facto de se criar uma interação entre crianças em momentos diferentes de desenvolvimento e com saberes diversificados, criando-se assim a oportunidade de confrontarem os seus pontos de vista (Silva et al., 1997).

Se refletirmos nas diferenças notórias, aos vários níveis de desenvolvimento pessoal, social e cognitivo, entre crianças com meses de diferença no que respeita à idade,



poderemos então concluir que no ensino pré-escolar, nomeadamente, numa sala de 3 anos, 11 meses de diferença a este nível, traz bastantes diferenças para a sala.

Estas diferenças são bastante notórias ao nível do comportamento de certas crianças, que ainda se encontram numa fase bastante individualista, brincando inclusive sozinhas, evidenciando dificuldades na partilha espaços, brinquedos ou tarefas. No que concerne ao tempo de concentração nas atividades também se observou que a heterogeneidade das idades influencia bastante, representando esta uma das questões sobre as quais mais quero me debruçar e trabalhar com estas crianças, aproveitando a intencionalidade pedagógica como ferramenta de sucesso para redobrar a sua atenção e concentração e consecutivamente, a sua participação nas atividades e no dia-a-dia.

No que diz respeito a esta análise, e ao fim destes 9 meses, sendo o facto das crianças no início do ano brincarem muito sozinhas e não conseguirem estar muito tempo concentradas, poderemos agora observar uma grande evolução no grupo de crianças, de forma geral.

Desde o início do ano que esta foi um dos meus maiores enfoques de trabalho, tendo planificado atividades, jogos e exercícios de relaxamento que não só fomentassem a ligação e a relação das crianças como desenvolve-se também a sua capacidade de concentração durante os mesmos. Hoje em dia, as crianças do grupo, nomeadamente as mais novas, recorrem mais vezes a jogos com os restantes colegas, sentindo-se agora mais integradas. É também sentido que o grupo está muito mais unido e que as crianças reconhecem agora muitas características do outro colega, respeitando-as, ao invés de demonstrarem um pensamento muito individual, o que foi um dos resultados mais positivos ao longo destes 9 meses.

O facto de termos também desenvolvido o mapa de responsabilidades, projetos dentro e fora de sala com os restantes grupos de pré-escolar, trabalhado numa postura de valorização pela positiva, desenvolvido a assembleia de turma como forma de resolução de conflitos e discussão de ideias, entre tantos outros momentos, apoiou ainda mais o desenvolvimento da formação pessoal e social do grupo e o desenvolvimento do espírito de equipa, colmatando estas dificuldades que se sentiam inicialmente.

Apesar desta ser a primeira vez de todas as crianças do frequentarem o ensino pré-escolar, achei, no entanto, bastante pertinente analisar quais as crianças que já estão no [REDACTED] desde a Creche.

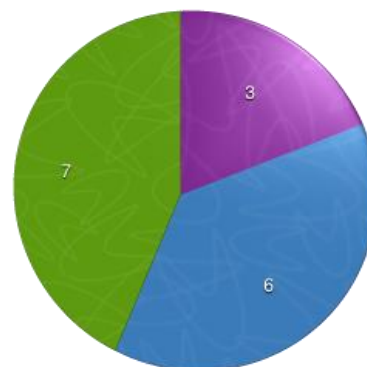
Primeiramente, e de forma geral, porque acredito que a forma como a entrada precoce das crianças para as instituições cada vez mais é vista de forma diferente, resultado também dos dias de hoje, em que os pais se encarnam os dois de um ou mais empregos.

“No Estado da Educação escreve-se que a taxa de cobertura de cuidados para a primeira infância registou um crescimento significativo entre 2000 e 2009, situando-se em 34,9% neste último ano (percentagem hoje ultrapassada) e superando a meta europeia

para 2010 (33%). No Estado da Educação são identificados profundos progressos na situação educativa portuguesa em geral, com destaque para a educação infantil, sector onde foi possível desenvolver uma responsabilidade social alargada e conciliar esforços, designadamente dos governos (envolvendo vários ministérios), autarquias, IPSS. Este percurso mostrou a importância dos compromissos para o desenvolvimento educativo.”

Gráfico 3- Entrada no colégio

- Ano Letivo 2016/2017 (até 3 meses no colégio)
- Entre Janeiro e Agosto de 2016 (6/11 meses no colégio)
- Em 2014 ou 2015 (+ de 1 ano no colégio)



Em segunda instância porque tal como podemos observar com o gráfico 3, este é um grupo em que existem casos bastante diferentes, nos quais apenas 3 crianças entraram durante este ano letivo para o colégio, 6 crianças já frequentam o colégio desde meados do ano letivo anterior e 7 crianças frequentam o mesmo no mínimo há um ano.

Esta foi uma das análises que achei que fazia mais sentido realizar neste grupo, pelo facto de o mesmo apoiar a ideia de que nem sempre as crianças que chegam à instituição com uma idade inferior ou que frequentam o colégio há menos tempo, não poderão ser as que se encontram mais desenvolvidas. Tendo sido observado os casos das crianças do sexo feminino, (N), (S) e (L), que apesar de terem ingressado no colégio no final do ano letivo anterior, se encontram mais desenvolvidas a nível da comunicação sobre si próprias e com o grupo e também nos restantes domínios, do que as crianças que já frequentam o colégio há mais de um ano.

Podemos, no entanto, concluir através da observação do grupo, que as crianças do mesmo precisam de um trabalho maioritariamente ao nível do Desenvolvimento Pessoal e Social, no sentido de desenvolverem mais a relação com os restantes colegas e de se familiarizarem com a rotina diária e a troca entre espaços, o que é perfeitamente normal sendo esta uma sala de 3 anos. Sinto que até ao momento esta é a necessidade mais urgente de ser trabalhada com o grupo, nomeadamente, em situações em que têm dificuldade de expressar emoções, sentimentos ou de partilhar espaços e materiais com outro(s) colega(s).

No entanto, este é também um facto normal do estágio Pré-Operatório, denotando-se isso no pensamento e atitudes ainda muito intuitivas das mesmas, não sendo ainda muito refletidas ou apresentando ainda imensa dificuldade em pedir desculpa pelo seu comportamento menos positivo.

Passados 9 meses, podemos observar que o grupo passou por um processo de evolução ao nível da Expressão e Comunicação muito interessante. Sendo que, graças ao trabalho de toda a equipa pedagógica e a planificar de forma a integrar todas as crianças, aquelas crianças que teriam mais dificuldades ao nível da expressão oral, conseguiram colmatá-las. E finalmente as crianças que estavam mais desenvolvidas a este nível, continuaram essa sua evolução de forma natural. Como futura profissional de educação concluí assim que o facto de planificar de forma integral e reflexiva, me permitiu não só adaptar as atividades para que todas as crianças conseguissem participar e se sentirem ativas, como também aprimorar a forma como fui gerindo o grupo nessas mesmas atividades, adequando a minha intervenção ao que cada criança necessitava.

Gráfico 4- Nacionalidade das Crianças



No que concerne à Nacionalidade das crianças do grupo, tal como presente no gráfico 4, existem 2 crianças com dupla Nacionalidade, nomeadamente, sendo uma delas a Nacionalidade Chinesa e a outra Coreana. Estas duas crianças são trilingue, na medida em que em sua casa os Pais falam em Inglês entre eles, embora um dos mesmos (pai) seja Português.

Esta multiculturalidade é evidenciada principalmente nas rotinas das crianças, pelo que se denota uma diferença de horários de descanso das mesmas em casa e ao nível da expressão de sentimentos ou afetos, como o abraço ou o beijinho. O (A), nomeadamente, uma das crianças com diferente Nacionalidade, é um exemplo do primeiro caso. Sendo que chega atraso em alguns dias da semana e para além disso apresenta sempre muito cansaço entrando na sala a chorar e tendo dificuldade em deixar os brinquedos pessoais no cacifo. Esta situação tem vindo a prejudicar um pouco o acolhimento aquando da chegada desta criança pois as restantes crianças do grupo ficam logo mais desconcentradas não conseguindo se ouvir enquanto o (A) chora. Mais uma vez, esta é uma situação que me alerta para a necessidade de experiência e preparação para gerir situações como estas. Em que terei de encontrar uma solução que apoie não só a criança que chega perturbada, como também o resto do grupo.

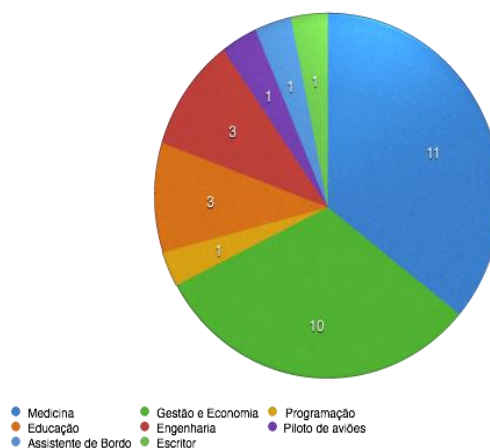
A observação da intervenção da Educadora Cooperante nestas situações tem sido bastante vantajosa para mim. É importante destacar que a Educadora introduziu um jogo no início do ano, aquando do momento de acolhimento, em que ao longo de várias

semanas cada criança escolhe e experiencia a forma como quer ser cumprimentado (abraço, beijo ou aperto de mão). Ao fim de várias semanas, cada criança escolherá a forma como quer passar a ser cumprimentado. Este jogo tem trazido vários fatores positivos para a sala, não só para as crianças que tinham dificuldade em se relacionar como também para todo o grupo que consegue aos poucos compreender que todos nós somos diferentes e que devemos respeitar e conviver com essas mesmas diferenças.

Para Meirinho (2009) a multiculturalidade é um tema muito atual na sociedade e no contexto escolar, nomeadamente na Europa. As turmas são, cada vez mais, compostas por elementos de culturas diversas, por isso interessa levantar problemas e procurar caminhos no sentido de que todos compreendam melhor os fenómenos educativos. A escola deve prevenir falhas de interpretação cultural ou manifestações de racismo no contacto com as minorias étnicas. E como acha que isso deve ser feito? Através de que estratégias?

Esta informação demonstra-nos que a maior parte dos Pais poderá proporcionar uma maior qualidade de vida aos seus filhos, tendo sido também observado que, de forma geral, são todos bem-sucedidos na sua área de formação e apresentam-se na classe média-alta. refletir um pouco sobre o facto de se tratarem de pais que, à partida têm uma cultura mais próxima da Escola e que por isso poderão colaborar mais quer em atividades do JI quer também no que diz respeito ao tipo de apoio que poderão dar a nível académico e cultural.

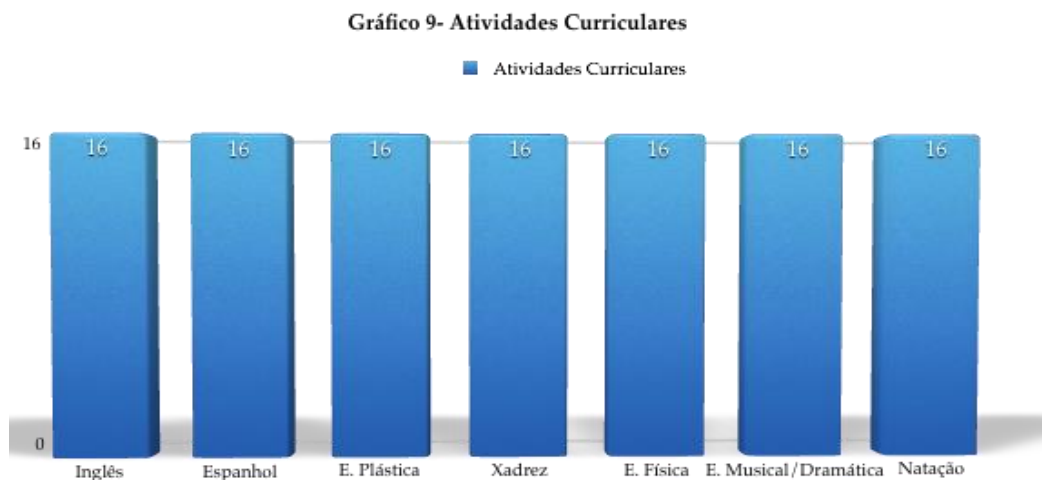
Gráfico 6.2- Área de Formação dos Pais



Por outro lado, e de forma menos positiva, o Nível de Formação dos Pais que deveria ser uma vantagem nas aprendizagens das crianças, denotou-se por outro lado, pouco significativo. O que na minha opinião representa um fator menos positivo, pois seria interessante proporcionar mais visitas dos Pais à escola em que explicariam um pouco das suas vivências e experiências profissionais, proporcionando uma aprendizagem significativa às crianças ao nível das profissões.

Por fim, podemos observar que a Área de Formação predominante é a de Medicina e Gestão/Economia.

No entanto, estas crianças já se encontram no colégio há mais de um ano e estas situações foram desde cedo geridas através de um trabalho cooperativo e notável de profissionais como a educadora, auxiliares, psicólogos, terapeutas e coordenação do colégio, tendo sido promovida a sua integração e participação em todas as atividades.



Como última observação desta caracterização sócio cultural do grupo, apresento o gráfico 9 que nos demonstra as atividades curriculares do Ensino Pré-Escolar no [REDACTED]. Através deste gráfico podemos observar que o [REDACTED] integra no seu currículo atividades que em muitas outras instituições não existem ou são apenas proporcionadas como extracurriculares.

A quantidade de atividades vivenciada pelas crianças poderá revelar fatores bastante positivos, pois as crianças desenvolvem-se em variados domínios, reconhecendo desde cedo aqueles em que realmente gostam de trabalhar e aprender. Por outro lado, este currículo bastante extenso acaba por diminuir de forma acentuada o tempo que as crianças têm para brincar nas áreas.

Neste grupo em particular tem sido observado que a brincadeira nas áreas e o tempo para planear, fazer e rever deveria ser mais extenso pois as crianças demonstram sentir bastante falta do mesmo, sendo essa na minha opinião, uma das razões para ainda gerarem conflito na partilha de espaços e opiniões.

Na minha opinião estes momentos apoiam o desenvolvimento da criança de uma forma que determinadas atividades não o conseguem fazer e, portanto, acredito que esta seja uma das situações a dinamizar de forma produtiva para estas crianças.

“Pensar nos desafios que essa sociedade futura nos traz e acreditamos que podemos e devemos ser agentes educativos na construção dessa sociedade que desejamos mais solidária e tolerante”, (Craveiro, Clara; Neves, Ivone; Pequito & Paula, 1997:77)

Anexo nº2 – Caracterização do grupo de crianças do contexto de 1ºCEB

No que diz respeito à idade das crianças, esta informação deteve bastante interesse por parte da estagiária assim que começou o estágio profissionalizantes em 1º CEB, na medida em que conhecer a idade das crianças poderia, de certa forma, ajudar a compreender algumas dificuldades/facilidades no relacionamento com os outros e também no tempo de concentração em aula. Neste sentido, foi criado o seguinte gráfico que confirma a idade das crianças da turma de 1º ano.

Foi também importante o conhecimento do género das crianças, na medida em que esta informação permite conhecer as razões para a formação de pequenos grupos de brincadeira criados, que se encontravam extremamente relacionados com o género das crianças, sendo que partilhavam brincadeiras com maior facilidade, com crianças do mesmo género.

O horário da turma do 1º ano, foi também uma informação importante, na medida em que dadas as exigências externas para o cumprimento do programa, a estagiária se debruça sobre este mesmo horário para as suas planificações. Mais ainda, poderia assim observar de que forma conseguiria fomentar a prática reflexiva e atividades que envolvam a mesma, ao longo do dia. Neste sentido, apresentamos o horário da turma no seguinte quadro.

Tempos	Segunda	Sala	Terça	Sala	Quarta	Sala	Quinta	Sala	Sexta	Sala
08:30 - 09:00										
09:00 - 09:30										
09:30 - 10:00	1CNEV / Mat		1CNEV / Port		1CNEV / Mat		1CNEV / AE		1CNEV / Port	
10:00 - 10:30										
10:30 - 11:00	VRCL		VRCL		VRCL		VRCL		VRCL	
11:00 - 11:30	1CNEV / Port		1CNEV / Mat		1CNEV / Port		1CNEV / Port		1CNEV / Mat	
11:30 - 12:00										
12:00 - 12:30	AEE									
13:00 - 13:30										
13:30 - 14:00	1CNEV / EM		1CNEV / Mat		1CNEV / Port		1CNEV / Mat		1CNEV / EM	
14:00 - 14:30										
14:30 - 15:00	1CNEV / EAFM		1CNEV / EAFM		1CNEV / EM		1CNEV / EAFM		1CNEV / OFC	
15:00 - 15:30										
15:30 - 16:00			V R C							
16:00 - 16:30			SPVN							
16:30 - 17:00										
17:00 - 17:30			SPVN							

Anexo nº3 – Reflexão nº1 no contexto de EPE

“O que as expectativas nos fazem”

Os dias de estágio começaram e apesar de saber que este é o caminho que quero fazer, sinto-me parada no meio de tantas ideias e reflexões mentais que faço diariamente. Sei o que tenho diante de mim e todos os dias me questiono sobre tudo o que será mais vantajoso para o meu grupo, mas depois chegam tantas outras personagens a quem temos que corresponder e começa o desfoque. Desfoque daquilo que deveria ser o mais importante, o grupo de crianças que tenho à minha frente, que arregalam os olhos para dizer bom dia e só querem coisas simples e felizes.

Sinto-me como alguém dentro de um carro preparado para a viagem, mas que coloca a mão no travão e não o consegue libertar. Aos poucos vou percebendo que tudo isto está relacionado com as expectativas que criei sobre o estágio. E no perfeccionismo que exijo a tudo o que faço. Este sem dúvida que está a ser o travão que não me deixa continuar. Porque as expectativas, precisam de alguém que as saiba colocar de lado, quando elas não são as mais certas para as crianças que temos diante de nós. E porque o perfeccionismo, numa sala de crianças de 3 anos, é sem dúvida o maior inimigo, aquele monstro gigante que não nos deixa manter os pés sobre a terra e que vem acompanhado de uma música de fundo pesada.

Quero a sala dos 5 anos, tudo menos os 3. Julgo que o disse durante vários meses que antecipavam este estágio final na valência de Pré-Escolar. Obra do acaso, ou não, sou a estagiária da sala dos 3 anos. Ainda não desenham corpos humanos. Ainda não percebem o porquê de ter de partilhar espaços e brincadeiras. Não lhes faz sentido alguém escolher algo que não sentem querer fazer. Ainda não sabem encadear pensamentos e expressar-se justificando as escolhas que fazem. Atividades demoradas serão inconcebíveis e o seu maior pesadelo, porque a concentração está em tudo o que lhes rodeia e a casinha mesmo ao lado será sempre mais interessante do que aquilo que estamos a falar com eles. Momentos de higiene são uma confusão, arregaçar as mangas, lavar os dentes, lavar as mãos, enquanto que aquilo que lhes passa pela cabeça é “Porque estou aqui a fazer isto quando a brincadeira espera por mim lá fora?”. Ainda não almoçam sozinhos e os talheres parecem-lhes um objeto sem sentido quando as mãos existem e tornam tudo mais fácil. E uma série de ainda não, existe naquele grupo.

E no fundo, isso é TUDO o que têm para me dar.

O meu grupo é este e ao fim de duas semanas a maior conclusão a que chego é que devia começar a colocar de lado todas aquelas atividades bonitas e concebíveis que tinha bem reservadas no computador. Começar a aprimorar conhecimentos sobre o relaxamento, o conto, a importância da rotina e tudo o que envolva trabalho de par e equipa. Investir o tempo no desenvolvimento da relação e confiança com eles e entre eles. Porque o foco é o que o grupo precisa. Corresponder antes de qualquer outra coisa, às suas necessidades, aos mais variados níveis. Aquilo pelo qual se interessam. Pequenas vitórias que vão fazer toda a diferença na sua autoestima e que serão o lanço para tudo o que virá. Porque tudo o que é grande, começou por um dia ser pequeno. E foi aí que se definiu antes de ser o que quer que fosse.

Estes primeiros dias de observação permitiram também aperceber-me de que a Educadora deste grupo privilegia muito a intencionalidade pedagógica. O que na minha opinião representa uma valia muito positiva!

A intencionalidade pedagógica elevará os seus interesses mantendo-os motivados e integrados. Porque a sala é deles e o tempo também. Eu sou apenas orientadora e impulsionadora da magia que eles criam.

Mas os dias vão passando, o grupo já não vai estranhando a minha presença e apresenta-se ao “serviço” com todos os defeitos e feitos. E depois, dão-me a mão. Como se por mais difícil que fosse o caminho, o mais importante será ter-nos a todos e encontrarmos todas as soluções juntos.

Trocando olhares e sem falar me dizendo “Toma lá os 5 anos que querias. Guarda-os bem fundo lá nessa gaveta, que nós fomos feitos para mudar a tua vida. E vais com sorte, por te deixarmos entrar no nosso Mundo tão diferente e especial”.

Sempre que a vida nos troca as voltas, em vez de acharmos que ela nos empurra, confiamos que nos chama. Respiramos fundo, ganhamos balanço e carregamos o nosso coração de fé. Fé que tudo vai dar certo e que vai ser do jeito que tiver de ser.

Anexo nº4 – Reflexão nº2 no contexto de EPE

“Conhecer o grupo: O processo que se inicia, mas que nunca acaba”

Depois da reflexão “O que as expectativas nos fazem” que retrata todos os receios e medos que se apoderaram dos primeiros dias de intervenção nesta valência. Achei que o melhor seria começar por encher a bagagem de conhecimentos sobre as características e o estádio que se

esperam em crianças com 2 e 3 anos, idades presentes no meu grupo. Sendo que neste grupo existem crianças ainda com dois anos, outras já com três anos e ainda outras crianças a completar os 4 anos de idade. Encontrando-se, no meu ponto de vista, em idades muitos sensíveis do desenvolvimento e, claro está, bastante díspares. O que poderá representar a face de dois mundos, caso um Educador não esteja devidamente preparado e capacitado para gerir todas as diferenças e transformá-las em partilhas positivas e aprendizagens ativas para o grupo.

Apesar da noção de estágio ser de certo modo artificial, surgindo apenas como instrumento de análise, indispensável para a explicação dos processos e das características que se vão formando ao longo do desenvolvimento da criança, achei importante começar por este passo.

Esta pesquisa será também importante para a realização da caracterização do grupo.

Piaget (1976) sustenta que o conhecimento não procede nem da experiência única dos objetos, nem de uma programação inata pré-formada no sujeito, mas de construções sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas.

A ideia de que, apesar destes estádios funcionarem como baliza e um guia para os comportamentos esperados pelas crianças, os mesmos não irão acontecer se a criança não experienciar e aprender com essa mesma experiência, o que me faz concordar inteiramente com esta ideologia. A criança não passará a saber partilhar porque fez 5 anos, mas sim porque a vida lhe proporcionou aprendizagens relacionais de partilha. O ideal mesmo será que a mesma tenha através das experiências, compreendendo a partilha não como um fator obrigatório e exigente da idade, mas sim como motivação relacional com o outro e uma mais-valia para si.

Pode-se dizer, então, que o desenvolvimento, na concepção piagetiana, é fundamentalmente um processo de equilíbrios sucessivos que conduzem a maneiras de agir e de pensar cada vez mais complexas e elaboradas. (FONTANA & CRUZ, 1997)

Com esta intervenção como estagiária, nomeadamente, no grupo dos 3 anos, no qual as aprendizagens surgem muito mais do que em momentos de atividades, mas principalmente em momentos do dia-a-dia com os colegas e até na sua rotina diária.

Observo cada vez mais que a experiência é um processo chave para a aprendizagem, não só pela aprendizagem das próprias atividades, mas sobretudo pela criação de ferramentas, formas de estar, formas de compreender, que poderão associar a novas experiências. Como se aprendessem a ser e não único e exclusivamente aprendessem a aprender e para um único objetivo e efeito.

Debrucei-me sobre o estágio sensório-motor (0-18/24 meses) e o estágio Pré-operatório (2-7 anos), na medida em que o primeiro antecede a idade mínima presente no grupo e o segundo as idades em que se encontram.

Desta forma, poderei não só aprofundar o conhecimento sobre o que é esperado na idade em que se encontram, mas sobretudo, destacar conhecimentos ou formas de agir que não serão expectáveis na idade. Verificando quais os que se antecedem ou ultrapassam o estágio em que se

encontram. No intuito de abraçar as características que há por desenvolver e que verifico fazerem falta às crianças. E, por outro lado, privilegiar também aquelas que marcam diferença no grupo, recorrendo a todas elas para a prática de uma intencionalidade pedagógica.

Pretendo não só atender a este conhecimento no momento de atividade, mas principalmente em momentos livres, no recreio, ou de rotina diária, proporcionando aprendizagens ativas no dia-a-dia do grupo.

No que concerne ao Estádio Sensório-motor, destaquei apenas as características deste estágio e que vejo ainda estarem presentes no grupo, nomeadamente em crianças que já têm 3 anos.

“Nada substitui a experiência”, é uma boa síntese do período sensório-motor do desenvolvimento cognitivo, pois é a qualidade da experiência durante este primeiro estágio que prepara a criança para passar para o estágio seguinte.

A este nível, num olhar mais pormenorizado ao grupo e ao trabalho da Educadora, que já acompanha o mesmo desde o 1º ano de vida. Observo que a [REDACTED] privilegia muito a experiência e o sentido que as atividades terão para as crianças. Refletindo sobre a intencionalidade das mesmas e posteriormente, nos resultados que trouxeram para as crianças, na sua individualidade e enquanto parte integrante do grupo.

Esta forma de estar da educadora, trouxe vantagens para o grupo. Pois apesar de algumas dificuldades na expressão oral e de não conseguirem ainda estar concentrados durante muito tempo, o que será esperado na idade, verifico que de forma geral são crianças participativas e motivadas. Atendendo que parte delas entrou há poucos meses para o [REDACTED], de tudo representar algo novo e de estarem ainda em adaptação ao mesmo e à convivência com os colegas, pelo que estão ainda a conhecê-los. Acredito que de futuro, quando se familiarizarem com este grupo e espaço novo, irão ser crianças bastante ativas e participativas nas atividades. Trazendo sempre uma disposição positiva e proporcionando até aprendizagens inesperadas muito interessantes.

No que diz respeito ao Estádio Pré-Operatório, o mesmo encontra-se traçado em dois momentos de crescimento distintos e é o estágio em que as crianças do grupo se encontram. Destaco assim algumas características fundamentais:

- Este estágio também chamado pensamento intuitivo é fundamental para o desenvolvimento da criança.
- Apesar de ainda não conseguir efetuar operações, a criança já usa a inteligência e o pensamento. Este é organizado através do processo de assimilação, acomodação e adaptação.
- Neste estágio a criança já é capaz de representar as suas vivências e a sua realidade.

Observando o grupo, é perfeitamente visível que as crianças privilegiam o momento de jogo, nomeadamente de jogo simbólico. É também importante destacar que no início do ano

observava que as mesmas brincavam muito sozinhas, e que agora começam a partilhar mais as suas brincadeiras. Exemplo disso são o [REDACTED], que no início brincavam sempre juntos e que começam agora a fazer novas amizades e a ocupar diferentes papéis no jogo simbólico, conseguindo se afastar da sua zona de segurança familiar. O mais importante é as crianças do grupo, começam agora a fazê-lo de forma livre, por opção própria, e demonstram prazer nesta partilha, até porque inicialmente escolhiam sempre os mesmos pares de brincadeira, e agora que se vão começando a conhecer melhor, brincam muitas vezes com colegas que estão na própria área da sala, já não estranhando isso.

Acredito que o mapa das áreas veio também reforçar positivamente a organização do grupo nas brincadeiras, permitindo que variem as áreas em que brinquem, experienciando não só os diferentes mundos da sala, como os materiais e os colegas que os acompanham. Esta vivência mágica que proporciona o jogo torna-se ao mesmo tempo tão real. Quando vemos as crianças evidenciarem as características da sua personalidade e aos poucos as adaptarem ao meio. Estes momentos têm também ajudado as crianças a desenvolver a sua expressão e comunicação oral, aspeto que estava ainda pouco desenvolvido em algumas crianças do grupo. A Educadora privilegia também momentos como o “Planear, fazer e Rever”, em que as crianças dialogam em grupo sobre a área para o qual querem ir brincar, aquilo que vão fazer, e aos poucos, também as razões para essa escolha. Observo também que é importantíssimo este momento ao qual a [REDACTED] dá importância, pois aos poucos as crianças têm conseguido refletir e cada vez mais aprofundarem aquilo que querem fazer nas áreas. É importante destacar o cuidado da Educadora que não só pergunta aquilo que vão fazer, como dá continuidade a este diálogo também depois das brincadeiras, perguntando se efetivamente o que tinham planeado aconteceu, e caso não tenha acontecido, e seja necessário, demonstrar à criança que respeita o seu tempo e que nem sempre as coisas acontecem como planeamos, mas que esse não tem sempre de ser um fator negativo, pelo contrário.

O termo egocentrismo, característica descritiva do pensamento pré-operatório, foi progressivamente sendo utilizado por Piaget, que o substituiu pelo termo descentração.

A partir dos dois anos dá-se uma enorme evolução na linguagem, a título de exemplo, uma criança de dois anos compreende entre 200 a 300 palavras, enquanto que uma de cinco anos compreende 2000. Este aumento do número de vocábulos é favorecido pela forte motivação dos pais, ou seja, quanto mais forem estimulados (canções, jogos, histórias, etc.), melhor desenvolvem a sua linguagem. Neste estágio a criança aprende sobretudo de forma intuitiva, isto é, realiza livres associações, fantasias e atribui significados únicos e lógicos. Se atentarmos a uma experiência muito conhecida de Piaget em que é dado a uma criança dois copos de água com igual quantidade de líquido, embora um alto e estreito e outro baixo e largo, intuitivamente a criança escolhe o copo alto pois no seu entender este parece conter mais água.

No que concerne à Linguagem, poderemos dividir o grupo em 3 pequenos grupos de crianças, em que um deles, apresenta dificuldades devido a situações de nível clínico, na medida em que as crianças [REDACTED] têm inflamações nos ouvidos, tendo inclusive uma das crianças já sido operada e outra ter acompanhamento ao nível da fala. Esta situação foi desde cedo percebida pela Educadora, que detém um extremo cuidado com casos como estes, desde a creche. O que me demonstrou mais uma vez o papel positivo que tem um Educador atento às crianças, na sua individualidade. Como segundo grupo, temos a maior parte das crianças do grupo, que apesar de estarem desenvolvidas a este nível, comunicam ainda muito sozinhas, como por exemplo [REDACTED], que são as duas crianças mais novas do grupo, apresentando ainda 2 anos, mas que falam sem qualquer dificuldade, já expressando opiniões e escolhas que fazem, participando ativamente nos diálogos em grupo e na rotina de sala. Mas que por outro lado, precisam aprimorar o relacionamento com o restante grupo, principalmente [REDACTED] que não compreende quando nas áreas ou recreio tem de partilhar brincadeiras e objetos. Por fim, o grupo de crianças como [REDACTED] que são crianças trilingues e novas no grupo, estando ainda em fase de adaptação, sendo que a primeira se expressa mais facilmente em Inglês e consecutivamente se familiariza mais facilmente com alguém que comunica consigo nesta língua, tal como a Professora de Expressão Plástica.

É importante destacar que o trabalho diário que a Educadora, auxiliar e estagiária têm feito junto das crianças, para tornar o ambiente familiar e seguro, tem traduzido resultados positivos. Na medida em que, se no início do ano as crianças só recorriam à linguagem quando necessário, agora já começam a familiarizar-se e confiar na equipa que as rodeia, e no próprio grupo, já privilegiando a linguagem para expressarem sentimentos, necessidades e comunicarem com os colegas e equipa de profissionais em situações livres.

No que diz respeito à descentração de si mesmos, pelo que não me identifico com o termo egocentrismo. Observo que o grupo tem cada vez mais conseguido desenvolver a capacidade de partilhar e com o esforço diário da equipa que o rodeia, ouvir pelo menos a opinião do outro, mesmo que numa primeira fase não consiga ainda a aceitar. Acredito que não poderemos a este nível ser exigentes com a criança e esperar de si uma compreensão imediata, mas que pelo menos vá experienciando momentos em que terá de partilhar, refletir e verificar que esta forma de se relacionar traz vantagens para si.

No que concerne à imagem e pensamento, é importante destacar que tive de refletir nesta questão, aquando da planificação de atividades e posterior realização das mesmas com as crianças. Pelo que inicialmente pensava apenas na atividade, e não na forma como a iria apresentar ou introduzir junto do grupo. A educadora apoiou-me de forma fundamental e ajudou-me a melhorar a este nível. Na perspetiva de que nestas idades, a magia criada em torno do que vem aí, é muitas vezes a chave do sucesso para a aprendizagem. Seja uma caixa, uma nova disposição da sala, uma mudança de lugar ou na forma como estão dispostas. Permitindo que as crianças estejam mais motivadas e concentradas e que consigam participar dando mais de si. Para

além disso, a [REDACTED] aconselha-me sempre a trazer o trabalho feito por mim, como exemplo e mote para o trabalho que as crianças têm de realizar, pois essa imagem é um apoio para a dinamização dos seus trabalhos.

Observando o grupo, podemos verificar que muitas das crianças estão agora a entrar nesta fase e a expressar características e atitudes fruto da mesma. Nomeadamente, quando representam desenhos animados, mas com características suas, apresentam medos que são fruto da sua imaginação ou do que sonharam e começam agora a lidar com a finalidade das situações que vivenciam.

É importante destacar que em qualquer momento da sua vida, mas principalmente neste, a instituição e o Educador precisam de cultivar um relacionamento estável e de partilha com os familiares da criança. Pois esta fase da sua vida exige um trabalho contínuo ao nível do desenvolvimento relacional em que se privilegiam os valores, atitudes e o diálogo. Este trabalho, de parceria escola-família, terá de forma ativa que favorecer a aprendizagem das crianças e o seu crescimento não só individual, mas principalmente com o grupo, pois será neste grupo que vivenciarão as experiências chave para a sua socialização ao longo da sua vida.

Este estágio é também fundamental pois a criança aprende de forma rápida e flexível, apropriando-se do pensamento simbólico, em que as ideias dão lugar à experiência concreta. Pelo que este acompanhamento diário da equipa de Profissionais que rodeia o grupo será importantíssimo para assegurar que esta transformação das experiências em ideias, acontece de forma positiva para o mesmo.

Apesar de existirem ainda tantas outras características às quais um Educador deverá dar especial atenção no seu trabalho diário, acredito que com esta reflexão tenha ficado bastante mais preparada para a observação do grupo. Conseguindo agora destacar e fundamentar de forma mais apropriada tudo o que observo.

Anexo nº5 – Reflexão nº3 no contexto de EPE

“Stop: Vamos relaxar!”

Chega o início da semana e com ela vem o [REDACTED].

O [REDACTED] prima pela disponibilidade de atividades e momentos diversos de aprendizagem que proporciona às suas crianças. Mas como todas as crianças elas precisam também de brincar e de momentos livres. Desde que comecei a observar o grupo, que sinto que o mesmo precisa muito de momentos de relaxamento, pois o seu dia-a-dia está tão preenchido e exige tanto a sua energia, que existem efetivamente alguns momentos em que o relaxamento é a chave do seu sucesso.

Deste modo, senti necessidade de investigar mais a este nível. Pois acredito que, nomeadamente, nos momentos que antevêm a ida para almoço, entre atividades e o recreio, o grupo distende-se muito de forma desorganizada e cria pequenos atritos durante as brincadeiras.

Segundo Lúcia Fernandes (Psicóloga e Psicoterapeuta) e Bruno Gomes (Psicólogo e Psicoterapeuta), “A desvalorização dos momentos de relaxamento, por parte dos pais, associada à adopção do papel de ‘mini-adulto’ pela criança, a ocorrência de mudanças familiares, situações de crise, problemas na escola, entre outros, podem originar stress, dificuldades em gerir a ansiedade, perturbações do sono, alterações do comportamento e mesmo, do desempenho académico desta. As técnicas de relaxamento são utilizadas na maioria das intervenções psicológicas a problemas que manifestam sintomas de ansiedade. De igual modo, o relaxamento pode ser promotor do desenvolvimento da criança e, simultaneamente, revelar-se um factor preventivo de eventuais complicações como as já mencionadas. O relaxamento permite à criança renovar e ampliar, mental e fisicamente, a sua energia. Ajuda-a a expandir o conhecimento de si e dos outros, aumenta a sua auto-estima e favorece a aprendizagem de modos de actuar perante situações geradoras de stress.”

Neste sentido, tenho vindo a investigar várias músicas, histórias e gestos de relaxamento que poderão revelar interesse para o grupo e como agente moderador deste grupo de crianças, cada vez mais aprovo que o educador deverá guiar a sua intervenção não só pelo esperado na idade que tem diante si, mas principalmente nas necessidades básicas e fundamentais que o grupo precisa com maior urgência. Para que tudo o resto seja depois trabalhado de forma mais saudável e produtiva para todos.

Mais ainda, percecionei com esta investigação, que o relaxamento desenvolve e potencia competências essenciais como: atenção, memória, auto-regulação, criatividade, resolução de problemas, consciência de si mesmo, do seu corpo, das suas sensações e emoções, capacidade de escuta e análise, entre outras.

Desenvolvendo assim novos recursos emocionais e cognitivos, através do ensaio de diferentes respostas exploratórias às dificuldades sentidas.

Com o culminar desta pesquisa- propus também à [REDACTED] que as minhas primeiras intervenções fossem feitas a este nível, começando a ganhar também experiência na mediação de tempos na rotina destas crianças, para de futuro conseguir que estejam mais concentrados e retirem um maior partido de tudo o que possamos fazer juntos.

Como primeiro momento de intervenção a este nível escolhi a seguinte atividade de relaxamento:

Anexo nº6 – Reflexão nº4 no contexto de EPE

“Educar pelos valores e pela vivência em democracia”

O jardim-de-infância tem um importante papel e reúne condições para possibilitar às crianças a construção de relações fomentadas em valores.

É nesta fase que há um maior contato com o outro. Um grande número de momentos que ocorrem nesta valência implica a partilha, a cooperação, o trabalho em equipa, entre outros. Por isso, na minha prática de estágio, dediquei momentos à reflexão destes valores, possibilitando que as crianças também o fizessem, orientando atividades que privilegiam sempre este sentido.

Antes de qualquer atividade ou de qualquer construção de outro “saber”, tem de existir especialmente o “saber estar”, consigo e com o outro. Desta forma, na minha opinião, para além de proporcionar qualquer aprendizagem, deve-se, sobretudo nestas idades, “educar pelos valores” e num futuro profissional serei uma educadora que estimula variadíssimos valores e fomenta as relações positivas entre as crianças.

“Assim, os educadores e as pessoas que trabalham com crianças em idade pré-escolar devem preocupar-se em fornecer modelos de capacidades de interacção, definir padrões para interacção na sala de actividades, proporcionar experiências que permitam à criança entrar num processo de aquisição e fortalecimento de capacidades e entendimentos sociais” (Katz, McClellan, 1991, cit. Por FORMOSINHO, 1996, p.81)

Como já referi, são inúmeros, senão todos, os momentos que despertam a sensibilidade para os valores. No fundo, a passagem no jardim-de-infância, é um primeiro contato com a vivência em sociedade e deve existir uma aprendizagem da vida democrática.

“A vida em grupo implica confronto de opiniões e necessidade de resolver conflitos que suscitarão a necessidade de debate e de negociação, de modo a encontrar uma resolução mutuamente aceite pelos intervenientes”. (ME,2016, p. 39).

Cabe ao educador ministrar alguns momentos em que as crianças tenham possibilidade de refletir sobre os seus atos e atitudes em grupo, bem como o que fazer para melhorar a gestão do mesmo.

Nesta reflexão gostaria de falar sobre dois exemplos de atividades que realizei juntamente com as crianças, que achei pertinente, e que contribuíram para alguma reflexão sobre esta temática. Nomeadamente, a introdução do mapa de responsabilidades e o desenvolvimento da prática reflexiva em grupo.

Para além disso, privilegio em momentos como o acolhimento e recreio, conversas com as crianças aquando de pequenos conflitos no que diz respeito a partilhas de brinquedos, brincadeiras e espaços. Privilegiando a resolução desses conflitos através de conversas e sensibilizando as crianças para aprenderem a pedir desculpa ou acarinhar um colega quando assim acharem ser capazes e que o colega precise.

Os instrumentos usados para gerir as vivências do grupo são também uma forma de promover alguns valores. “Criar colaborativamente os instrumentos, usá-los nas vivências do grupo, é uma expressão de construção de conhecimento social e de iniciação à democracia.” (FORMOSINHO, 2011, p. 29).

Estes instrumentos promovem organização e resolução de conflitos no grupo e inevitavelmente são essenciais na promoção de valores como a autonomia, a responsabilização, o respeito pelo outro, o respeito pelos materiais, o espírito crítico, o espírito de partilha, entre outros.

“No Jardim de Infância a participação da criança constitui um exercício e uma aprendizagem da cidadania, na medida em que lhe é dada a possibilidade de pertencer a um grupo e de se perceber como membro da sociedade. Assim, espera-se que o Jardim de Infância possibilite à criança aprender a conviver com os outros, defendendo direitos, respeitando deveres e assumindo responsabilidades” (CRAVEIRO; FERREIRA, 2007, p.16)

O saber estar em sociedade, é muito importante e é nesta fase da educação pré-escolar que podemos participar ativamente na construção de futuros cidadãos.

Neste grupo tenho sentido e vivenciado todos os dias uma pequena conquista, no entanto, este processo é extenso e paulatino, o que cabe a nós educadores insistir nestes valores dia após dia.

Anexo nº7 – Reflexão nº5 no contexto de EPE

“Os modelos pedagógicos e a sua influência no meio educativo”

Esta reflexão surge da necessidade de, e em conversa com a Educadora e Orientadora de Estágio, conhecer melhor os modelos pedagógicos promovidos na Creche e Ensino Pré-Escolar do [REDACTED].

Estas mesmas valências no caso particular desta instituição, estão moldadas segundo uma fusão dos modelos Reggio Emilia (no caso da Creche), Movimento da Escola Moderna e ainda High Scope.

Desta forma, devo destacar que a nível teórico-prático esta reflexão apoiou-me fundamentalmente de três formas diferentes, nomeadamente: aprimorar e experienciar na prática o MEM (movimento da escola moderna), o trabalho de projeto e ainda assentar o perfil de educador que permitirá todas estas mudanças em contexto de sala.

Em primeira instância, e no que concerne ao MEM, já incidindo sobre o meu contexto de estágio, o conhecimento deste modelo pedagógico permitiu-me trabalhar segundo a construção da democracia em sala (de forma individual, pequeno e grande grupo), na cooperação educativa com a sala dos 4 e 5 anos e finalmente na reformulação da disposição mais adequada das áreas da mesma.

Segundo Niza, o principal eixo do modelo de educação escolar da Escola Moderna Portuguesa é a construção da democracia através da sua vivência na escola e no dia-a-dia. (1996). Mais ainda, “Há então que fazer participar os alunos nas funções de ensino e acompanhá-los em projetos de trabalho e na resolução de problemas, desmultiplicar os recursos coletivos, alimentar continuamente dispositivos de planificação do currículo e avaliação feitos em grupo, dando sempre e sempre "especial relevo ao valor cognitivo da controvérsia conceptual através da linguagem", desencadeando "novas formas de tutoria entre os alunos", baseadas na colaboração e reciprocidade solidária” (2013).

Refletindo sobre esta ética de trabalho, tomamos plena consciência de que trabalhar pela intencionalidade pedagógica e criar um ambiente educativo que permita a preparação da criança para a vida social e democrática, ganha diariamente mais sentido se observarmos as vantagens que todos estes fatores trazem para a escola, sala e própria criança.

Estando também relacionado com a minha investigação de tese, senti que as crianças da minha sala, já tendo ultrapassado a adaptação à nova rotina de pré-escolar, demonstraram-se interessadas em realizar as assembleias de grupo para resolver em conversa pequenos conflitos.

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar (2016): “O reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que possa desenvolver todas as suas potencialidades.”.

Desta forma, foi criado um momento semanal e ainda um espaço em sala, com esquemas e fotografias que se atualizam semanalmente, visível e de acesso a todas as

crianças, destinado ao momento de reflexão de grupo. Nestas assembleias refletimos, com recurso ao registo no mapa e a estas imagens, sobre questões como por exemplo: “O que queremos fazer? O que queremos mudar? O que gostamos mais? O que correu menos bem? O que nos falta fazer das coisas que quisemos fazer? Quais as soluções para este problema?”.

Prova disso, são os frutos positivos desta reflexão que temos feito. Em que as próprias crianças não só expõem os seus receios, como propõem as soluções para problemas como: o barulho dentro da sala (modificar a disposição das áreas), chamar os pais para virem à sala (escrever um convite para os pais), cantar os parabéns ao [REDACTED] (fazer um bolo nosso). Para além disso, e como o nosso trabalho assenta sobre a intencionalidade pedagógica, as crianças estão agora muito mais motivadas nas atividades que realizamos sentindo-se interessadas, pois são atividades pedidas por elas mesmas. Mais ainda, sentem-se também integradas e ouvidas. A sala tornou-se efetivamente delas.

Através de uma destas assembleias surgiu a necessidade de mudarmos as áreas da sala para colmatar a questão do barulho e corresponder melhor às necessidades das crianças que queriam os jogos ao lado da área de expressão plástica e ainda poder ter mais meninos na plasticina e menos na casinha. E de criarmos também a área das ciências, pois o interesse pelo meio e pela exploração do mesmo está bastante presente neste grupo.

Recorri assim mais uma vez às aprendizagens desenvolvidas na unidade curricular de Teoria e Desenvolvimento Curricular, sobre como organizar as áreas de acordo com a necessidade das crianças, reorganizando as áreas para locais mais adequados segundo o MEM.

Em segunda instância, e no que diz respeito ao trabalho de projeto, o mesmo permitiu-me aprofundar conhecimentos sobre as suas características e, consecutivamente, apoiou-me no desenvolvimento de dois projetos lúdicos.

Estes dois projetos surgiram pelo próprio interesse das crianças, que em assembleia demonstraram preocupação na criação de uma lareira para o que Pai Natal visitasse a sala e, posteriormente, na necessidade de construírem uma garagem e sinais para que os carros pudessem circular na cidade. Mais uma vez, debrucei-me sobre as aprendizagens desta unidade curricular para acompanhar estes projetos de forma informada e capaz. O segundo projeto foi o da criação de um livro/conto feito inteiramente pelo grupo, que escolheu o tema “Piratas” e tem vindo a desenvolver a ilustração do livro, escolha de personagens e elementos textuais para a história. Estes projetos ajudaram a que o grupo não só possa desenvolver as suas capacidades para

expressar opiniões como também tomar decisões lidando diretamente com o sentido democrático. Através da visualização de vídeos e imagens, conversas em grande grupo, têm surgido ideias que quando se tornam efetivamente concebíveis alimentam ainda mais a relação entre pares, grupo e também entre o grupo e a educadora e estagiária.

Ainda sobre o desenvolvimento da democracia e adaptação aos momentos de rotina, criei também o mapa de áreas e de responsabilidades, adequado às necessidades e idades presentes no grupo, e que hoje se encontra perfeitamente adaptável pelos mesmos. Sendo que cada vez mais existem menos conflitos e as crianças aceitam melhor o facto das fotografias ou áreas serem sorteados de forma rotativa.

No que concerne à cooperação entre salas, as mesmas foram dinamizadas em momentos como manhãs recreativas e também como à parceria entre a minha sala e a dos 4 anos, no pequeno teatro da Carochinha e na vinda de duas crianças da sala dos 4 anos à nossa para partilharem ideias do que criaram aquando da mudança das áreas das salas.

Por fim, e ainda sobre o Perfil do Educador, destacar ainda um dos pensamentos mais importantes transmitidos pela Professora [REDACTED] e que irei com toda a certeza levar para a vida. “Não existe um único modelo numa instituição, mas sim uma fusão de modelos”.

Segundo as Orientações Curriculares (2016) “Cada criança tem uma identidade única e singular, tendo necessidades, interesses e capacidades próprias. O que nos demonstra ainda mais a necessidade, intrínseca ao papel do Educador, de conhecer todos os modelos pedagógicos disponíveis e, claro está, o grupo de crianças que tem diante de si. Para conseguir da melhor forma organizar o ambiente educativo com o objetivo de lhes permitir crescer de forma saudável, integrada e principalmente feliz.

Em jeito de consideração final, esta reflexão tornou-se fundamental não só para o meu percurso de formação, como também para um futuro muito próximo enquanto profissional de ensino. Na medida em que, para além de me permitir conhecer e aprofundar conhecimentos, refletir, contemplando com a prática de estágio, sobre os modelos pedagógicos abordados em sala. Permitiu-me também aprimorar as minhas capacidades para transpor do conhecimento para a prática, modelos que irão sem dúvida beneficiar não só o meu papel como educadora, como principalmente o ambiente, recursos, rotina e a vida das minhas crianças. Este deverá ser o nosso principal foco de trabalho e deveremos primar pela constante mudança à procura do mais vantajoso para o crescimento saudável, autónomo e diferenciado das crianças que temos diante de nós.

De futuro, gostava de continuar a dinamizar estes projetos com o grupo, desenvolver a área da reflexão e os momentos de assembleia, criar mais jogos didático-matemáticos, tal como tenho feito, para a área de jogos. Trazer atividades para a sala que desenvolvem o espírito de grupo e a interação entre as crianças, e finalmente dinamizar uma visita de estudo pensada sobre as suas próprias motivações e interesses.

Anexo nº8 – Reflexão nº6 no contexto de EPE

“Desenvolver a relação escola/família” (Dinamização da vinda dos pais à escola e criação do livro de receitas)

Desde que ingressei nesta formação em Educação que defendo muito o lugar que a relação escola-família ocupa no ensino, independentemente das dimensões que fomenta e eleva.

No ano de 2003, Alarcão e Tavares, defendem que os momentos de atitude reflexiva por parte do indivíduo, nomeadamente, sobre as suas experiências, contextos que conhecem e as interações que vivenciam poderão ser caracterizados como contextos reflexivos. O que comprova mais uma vez a fundamentalidade da reflexão, durante e posteriormente, à prática, como fonte de abrigo ao conhecimento.

Debruçando-me assim sobre a importância da reflexão em prol da melhoria do contexto de estágio, senti que este era um dos temas sobre o qual teria de escrever, refutando tudo o que vivenciei, observei, aprendi, com o decorrer das atividades que desenvolvi ou presenciei serem desenvolvidas pela [REDACTED], no que concerne à relação escola/família.

Neste sentido, acredito que nós enquanto profissionais de educação, temos o dever de proporcionar às crianças e às suas famílias, um contexto escolar que as acolha e apoie, dinamizando vários momentos recreativos, atividades, materiais pedagógicos, entre outros. Devendo fundamentalmente privilegiar estes momentos, permitindo que a relação escola/família, seja sempre um fator positivo para a vida das crianças.

Enquanto ia conhecendo o meu grupo de crianças, observei e ouvi muitas vezes as crianças mencionarem este assunto, reforçando que gostavam que os Pais as visitassem mais vezes no contexto escolar, ou até demonstrando um grande entusiasmo e felicidade sempre que algum dos Pais os visitava, mesmo que fosse o pai de um colega e não o seu.

Neste sentido, e ao longo do ano, foram já algumas as atividades que em conjunto com a Sílvia, já dinamizamos, nesta díade de trabalho relacional escola-família.

Assim sendo, começamos por ouvir as ideias das crianças sobre de que forma poderíamos trazer mais vezes os Pais à escola, tendo esta conversa surgido numa das nossas assembleias de turma. Em assembleia de turma, as crianças idealizaram assim a criação de um convite para levarem aos Pais. Decidimos todos juntos o que lá escreveríamos (ver em anexo imagens). Neste convite, as crianças não só desenharam a sua escola, como carimbaram os seus símbolos e entregaram aos seus pais o mesmo.

Os pais foram assim convidados a vir à nossa sala, dinamizar uma atividade com todas as crianças da sala, nomeadamente, uma atividade que pudesse inclusive estar relacionada com a sua profissão, cultura, gostos e preferências, hobbies, brincadeiras que fazem com os filhos, entre outros.

O convite foi sem dúvida alguma um marco muito importante neste caminho relacional entre as crianças do grupo e os seus Pais, na medida em que entre tantos outros aspetos positivos, permitiu:

- Que as crianças se sentissem ouvidas e amadas;
- Ajudar os pais que se sentiam ainda ansiosos com a dinamização de uma atividade. Na medida em que fomentou as suas ideias e tranquilizou-os, transmitindo-lhes que estaríamos disponíveis para os ajudar;
- Que as crianças se sentissem ainda mais familiarizadas com o colégio e mais seguros quanto a esta relação escola/família;
- Que as crianças se conhecessem melhor entre si e inclusive as diferentes culturas, profissões e brincadeiras que vivenciam diariamente com os seus pais.
- Quanto a mim estagiária, destaco que o fator mais positivo foi o facto de me ter permitido não só conhecer as famílias das crianças, como observar o papel/ação tomado por um educador nestes momentos e finalmente, observar a influência no modo de estar e sentir da criança aquando da visita dos Pais à sua escola.

Em 2007, Weber, escreveu que “É preciso abordar a educação associada à afetividade e ao amor incondicional”. Este foi sem dúvida o exemplo chave que tive da Educadora, que me demonstrou que independentemente do constrangimento e nervosismo que estes momentos possam causar a um Educador, nomeadamente, a nós que começamos agora este caminho pela primeira vez, colocarmos o amor em tudo o que fazemos com as crianças é tão importante e fundamental quantos outros fatores.

Até à data, já foram várias as atividades dinamizadas pelos Pais, nomeadamente, dinamização da hora do conto, criação de máscaras de carnaval, culinária (sushi), aula de yoga, decoração de ovos da Páscoa, Medicina Pediátrica e Dentária, entre outras.

E da observação destas atividades, destaco a alegria das crianças em momentos muito importantes como por exemplo:

- Apresentam os seus pais aos colegas;
- Apresentam os seus colegas aos Pais;
- Dão a conhecer a sua sala, o que mais gostam de brincar, a área que gostam mais, os mapas de responsabilidade ou marcação de presenças, as novidades que desenham com a Educadora, os seus trabalhos, entre outros;
- Se sentem mais à vontade para partilhar novidades como a mãe estar grávida;
- Demonstrar aos amigos o que os Pais trouxeram para fazer, que é na maior parte das vezes, algo que já costumam fazer com os Pais, a sua brincadeira preferida, ou algo relacionado com a Profissão do mesmo e de que tanto se orgulham;
- Conhecer, compreender de perto e ouvir, as preocupações e receios dos Pais, dando-lhes especial apoio e atenção;

Na minha opinião, a relação da escola/família é sem dúvida um momento de aprendizagem cooperativa, de interação de qualidade e um caminho que deve ser percorrido de mãos dadas com os Pais das mesmas. Neste sentido, decidi ainda dinamizar um material pedagógico que continuasse a alimentar esta mesma relação no meu grupo.

Desta forma, e visto que este sempre foi um grupo de crianças muito interessado e motivado com a confeção de bolos, fiz uma surpresa ao mesmo e criei, em conjunto com a Educadora, um livro de receitas só nosso!

Dei a conhecer o livro às crianças e acrescentei no nosso mapa de responsabilidades a fotografia do mesmo. Sendo assim, e a partir daquele momento, todas as quartas-feiras uma criança ficaria responsável por levar o livro para casa e em conjunto com os seus pais poderia escrever uma receita, colar fotografias suas e da família enquanto confeccionavam a mesma, entre outros.

Este livro de receitas foi sem dúvida alguma também um marco muito importante neste caminho relacional entre as crianças do grupo e os seus Pais, na medida em que entre tantos outros aspetos positivos, permitiu:

Fomentar mais momentos de interação familiar em casa, sendo que as crianças realizaram as receitas com os pais e irmãos;

Que as crianças se sentissem capazes e felizes, quando demonstraram ao resto do grupo tudo o que registaram no livro;

Que as crianças se conhecessem melhor e partilhassem uma felicidade comum.

A criação de um instrumento em prol de um interesse comum, a culinária. Sobre o qual se sentem orgulhosas e intervenientes, participando com as suas opiniões e apreciações, em prol de um interesse comum, a culinária.

Por fim, e não menos importante, destaco também o privilégio de me ter sido proporcionada a observação de manhãs recreativas como as do dia do Pai, no qual as crianças não só realizaram uma atividade com os Pais como também brincaram com eles. Observar a felicidade das crianças ao brincar com os seus Pais e dar a conhecer o que fazem na sua sala, tornou ainda mais importante para mim refletir sobre a importância que estes momentos detêm na vida das mesmas.

Anexo nº9 – Reflexão nº7 no contexto de EPE

A criatividade na Infância pelo olhar do Profissional e da criança

Quando iniciei esta experiência de estágio escrevi uma reflexão no qual dou a conhecer a importância do relaxamento em grupos de crianças como este, ou seja, num grupo com um currículo bastante completo, no qual as crianças durante o dia correspondem a uma rotina horária exigente em que têm várias atividades e em diferentes espaços do colégio.

Porquê a criatividade? Como poderá este elemento tão simples como tantos outros no ensino tornar-se naquele sobre o qual reflito? Pois acredito que numa geração em que se exigem respostas rápidas, dado a velocidade e quantidade a que as informações nos chegam, será cada vez mais difícil para as crianças lidar com o imprevisto, nomeadamente, com a resolução de determinados conflitos. Não tornará este facto a dimensão criativa tão fundamental na educação?

Esta exigência ao nível do currículo e o facto de refletir sobre qual o caminho a seguir para educar uma geração do futuro, no qual os desafios e problemas serão completamente diferentes dos nossos, leva-me muitas vezes a refletir sobre de que forma deverá o profissional adequar a sua intervenção e estimular a criatividade no seu grupo de crianças, sem que a mesma continue a acontecer apenas associada a momentos como os de expressão artística.

Segundo a professora [REDACTED], “Acreditamos que em Educação a transformação e atualização das mentalidades, técnicas e saberes são palavras-chave.” Refutando a importância de preparar uma geração não focando na transmissão de conteúdos, mas sim permitindo às crianças vivenciar experiências que desenvolvam a sua formação pessoal e social, que apesar dos seus limites deverão valorizar as suas características próprias e a aceitar novos desafios com um olhar capaz. Tal como defende Carneiro, em 1996, “As prioridades educativas passam a situar-se caracterizadamente, no foro da construção de competências, comunicacionais, relacionais, criativas, tecnológicas, negociais, estéticas, éticas comunitárias e de cidadania.”

A criatividade, e tal como defendem autores como Cabezas, Rogers, Wechsler e Prado, poderá ser um dos meios para um caminho em que as crianças “enfrentam um mundo em mudança. Improvisam, descobrem soluções para os problemas e adaptam-se a novas situações.”

Hoje em dia, e muito devido à mudança de gerações, a dimensão criativa está infelizmente associada à expressão “inato”, como se a mesma representasse algo apenas alcançável por alguns. Pois acredito que a visão do educador sobre as coisas é o primeiro passo para influenciar a forma como as crianças as irão sentir também. Com a aproximação ao grupo e com os momentos que vivenciei nos quais as crianças com mais dificuldades alcançavam pequenos objetivos diariamente, dei por mim muitas vezes a refletir sobre como um educador deverá debater esta forma de ver a criatividade e como em tantos momentos a criança demonstra ser criativa e não a valorizamos, sempre que involuntariamente associamos a criatividade apenas a uma dimensão artística.

Ao contrário deste pensamento, acredito que a criatividade poderá e deverá ser experienciada por todos e que não representa algo inato, mas sim algo que poderemos desenvolver, e que nem sempre deverá ser planificado ou idealizado para uma atividade específica. A criatividade significa também estar aberto às possibilidades, à imaginação, significa ter escolha, ser lúdico e gostar de desafios.

Tal como defendeu Beetestone, em 1998, “A educação deve demonstrar como a energia criativa e o espírito inventivo têm constantemente melhorado o contexto, o conteúdo e a qualidade de vida humana”.

Neste sentido, e ao longo desta experiência de estágio tenho tentado sempre experienciar diferentes métodos e planificar com uma intenção diversificada, fomentando a criatividade das mais diversas formas. Desta forma, planifico experienciando novas formas de organizar o grupo quando vai realizar a atividade (escolha das crianças, género,

experiência das crianças, através de jogos), experienciando espaços diferentes do colégio (sala, espaço exterior, sala de acolhimento), dando ou não uma explicação prévia do que vai ser realizado, e sobretudo questionando muitas vezes as crianças sobre como poderemos resolver uma determinada situação, ou sobre aquilo que resultará a atividade.

Ainda sobre este mesmo olhar, Landsheere destaca no ano de 1996, diversos momentos em que a criatividade da criança deverá também ser valorizada, nomeadamente:

- Receber e analisar informação conquistando o conhecimento;
- Detetar problemas e ter ideias para os resolver;
- Antecipar acontecimentos;
- Trabalhar em condições caracterizadas pela mudança e movimento;
- Elaborar projetos;
- Tolerar tensões e incertezas;
- Aderir profundamente aos valores humanos;
- Decidir e agir sem possuir todos os elementos desejados.

Achei também pertinente investigar de que forma é que a criatividade é tida em conta nas OCEPE, nomeadamente no Lei do Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei nº5/97 de 10 de Fevereiro), no qual a criatividade é apenas mencionada em dois momentos “Estimular o desenvolvimento global de cada criança no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas.” e “Despertar a curiosidade e o pensamento crítico.” Demonstrando que existe já uma preocupação com o desenvolvimento da mesma no ensino pré-escolar, mas que por outro lado, e infelizmente, esta continua a ser poucas vezes tida em conta, sendo ainda muitas das vezes desenvolvida apenas nos momentos de Educação Artística.

Anexo nº10 – Reflexão nº8 no contexto de EPE

“A Importância da Expressão Motora para as crianças” (Como desenvolvi este domínio)

Tal como fui referindo em momentos anteriores de reflexão, um dos fatores privilegiadores do estágio deverá ser a capacidade de aproveitarmos todos os momentos para melhorarmos tudo o que ainda podemos fazer melhor. Ou seja, investirmos a prática pedagógica sobretudo nas áreas nas quais ainda não nos encontramos tão preparadas, as

quais ainda nos deixam ainda ansiosas, assumindo isso mesmo como parte fundamental deste nosso percurso.

Aliado a este facto, sabia também que a prática de desporto e outros exercícios físicos são importantes não só para o desenvolvimento da motricidade de uma criança como principalmente nestas idades, para as ajudar a ganhar uma relação entre elas e com o mundo que as rodeia.

Reunindo todos estes factos, tornou-se decisivo para mim que deveria investir parte do meu tempo de estágio a desenvolver este domínio e a minha prática profissional a este nível.

Acredito que há coisas e pessoas que nos estão verdadeiramente destinadas e tive a sorte de conhecer e trabalhar com uma Educadora Cooperante que defende este mesmo modo de ação. A qual me apoiou e incentivou a planificar novamente várias aulas de Expressão Motora, conversando sempre comigo sobre os fatores que poderia modificar e aprimorar, até que finalmente me conseguisse sentir à vontade e preparada para dinamizar estas aulas, o que até então não acontecia.

Comecei por investigar sobre o que será esperável já ter trabalho e ainda desenvolver, não só na Educação Pré-Escolar, ao nível da Expressão Motora, como sobretudo nas idades do meu grupo (3 e 4 anos).

Ao entrar para a Educação Pré-escolar, as crianças já adquirem movimentos básicos, tais como andar, gatinhar, agarrar e a manipulação de objetos com mais ou menos precisão.

Atendendo às capacidades motoras de cada criança, o educador e a instituição devem fomentar situações para o desenvolvimento da motricidade global e da motricidade fina, para que cada criança possa aprender a dominar e a utilizar da melhor maneira o seu corpo.

Por consequente e ainda nesta margem de pensamento a educação pré-escolar deve conter práticas para que exista um desenvolvimento multilateral, eclético e harmonioso para as crianças. Neste âmbito são definidos alguns parâmetros gerais para o desenvolvimento, nomeadamente:

- Capacidade Física;
- Movimentos fundamentais;
- Qualidades morais e volitivas;
- Postura corporal correta;

- Autoconfiança e autoestima;
- Físico harmonioso;
- Espírito cooperativo de grupo e o fortalecimento das relações humanas;
- Incluir o gosto pela atividade física;
- Fortalecimento da saúde.

Desde a 1ª experiência a planificar uma aula de Expressão Motora, que sentia que a minha dificuldade não seria adequar o tipo de exercícios/jogos à idade com que estava a trabalhar, mas sim manter o foco de atenção do grupo do início ao fim da aula, gerindo o mesmo nos momentos de mudança de exercício/jogo e gerindo também a forma como apresentava o exercício/jogo ao grupo.

Neste sentido, e com o apoio da Educadora, fui dinamizando mais aulas de Expressão Motora, no intuito de colmatar estas mesmas dificuldades.

Este processo começou pela observação de duas aulas de Expressão Motora do grupo com a Professora de Educação Física e pelo preenchimento de uma grelha de observação. Este 1º passo teve um impacto importante na minha evolução enquanto profissional, pois permitiu-me não só aprender como também partilhar alguns receios com a Professora de Educação Física, que rapidamente me aclarou muitos desses medos.

Para além disso, acompanhei o grupo de crianças em várias aulas de Natação, e comecei a desenvolver vários jogos tradicionais nos momentos de recreio. Estes pequenos grandes passos permitiram-me:

Fomentar a minha aproximação ao grupo e a confiança que tinham em mim;

Fortalecer a própria relação das crianças, visto que ainda brincavam muito sozinhas ou em pequenos grupos. (As crianças conheciam agora jogos simples que podiam realizar todas juntas percebendo que era muito mais divertido)

Recorrer a momentos livres e de recreio para realizar estes pequenos jogos, diminuindo o meu nervosismo ao nível da organização do grupo e apresentação de exercícios nos momentos de Expressão Motora que viria a planificar;

Atentar individualmente ao que cada criança já teria adquirido, definindo objetivos individuais e gerais a trabalhar com o grupo;

Conhecer quais os temas e jogos que cativavam mais a atenção do grupo. No intuito de planificar aproveitando os mesmos como intencionalidade pedagógica, fomentando o tempo de concentração e a participação do grupo;

Posteriormente, passei então a planificar várias aulas de Expressão Motora, sempre numa perspetiva de aprendizagem. Sendo que depois das aulas, conversava com a Educadora e juntas definíamos os pontos que haviam ainda a melhorar e de que forma o poderia fazer. De todos os conselhos chave que surgiram destas conversas, poderei destacar:

- Ser essencial num grupo de 3 anos, o fator motivacional. Ou seja, a criação de uma história como fio condutor de toda a aula;
- Ser essencial a forma como apresentamos o exercício/jogo ao grupo, nomeadamente, dar espaço para que as crianças experienciem e ter a certeza de que nos explicamos de forma clara;
- Ser essencial definir bem os vários exercícios e sobretudo não os planificar quantitativamente, mas sim qualitativamente. Disponibilizando tempo às crianças para clarificarem dúvidas. E caso seja necessário, termos a capacidade de não realizarmos o exercício/jogo seguinte, para que as crianças continuem num exercício que está a ser feito, seja porque estão a gostar e a participar ou até porque não conseguiram ainda fazê-lo. Desta forma, as crianças irão conseguir realizá-lo e sentirem-se capazes, ao invés de se sentirem confusas.
- Ser essencial planificar e definir bem a forma como vamos organizar o grupo para cada exercício/jogo e os materiais que vamos usar.
- Ser essencial o momento de aquecimento e relaxamento, sendo que estes momentos, quando não planificados da forma devida, poderão afetar negativamente a restante aula.

Tal como podemos observar nas planificações de Expressão Motora que concretizei, e principalmente na última planificação, todos estes fatores foram considerados o que permitiu que a aula corresse muito bem. Nesta mesma aula, planifiquei em torno da história de uma princesa que tinha sido presa nas masmorras e que por isso, o grupo de cavaleiros e princesas tinha como missão salvar a mesma.

Desde o aquecimento no qual as crianças, aquando o sinal, paravam de correr para imitar vários gestos, individualmente ou em par e pequeno grupo, até ao caminho percorrido até à masmorra segundo diferentes indicações e finalmente ao aquecimento no qual passavam a mensagem de que tinham conseguido salvar a princesa. Este fator motivacional permitiu que os exercícios fizessem sentido, sobretudo devido à forma como foram apresentados.

Partes da aula	Conteúdo	Organização Didático-Metodológica	Objetivos Comportamentais	Materiais	Tempo (40 min.)
Parte preparatória	Corpo Vivo Exercícios de Deslocamentos e Equilíbrios 1.1.2. Corridas, Saltar e jogos de inibição.	A estagiária explica às crianças que a fada mágica lhes deixou um desafio! No reino das princesas e príncipes, um ladrão decidiu raptar a princesa e fechá-la bem lá no alto de uma torre, dentro do seu castelo maquiavélico. E que, por isso, precisa da sua ajuda para salvar a princesa! As crianças começam por jogar ao “Gato/Rato” em que um grupo será o dos cavaleiros e o outro o dos raptos. De seguida, a estagiária pede às crianças que corram livremente e assim que ela bater as palmas terão de preconizar algo segundo as suas indicações, nomeadamente:	Cooperar no jogo correspondendo às regras, nomeadamente: Cavaleiro apanhar ladrão; Ladrão fugir do cavaleiro.	16 Arcos; 8 Cordas;	5 min.
			Cooperar no jogo correspondendo às instruções do mesmo, nomeadamente: Preconizar as personagens; Andar à volta do arco; Entrar e sair do arco.		5 min.

		<p>Vestir o fato de princesa/príncipe dentro do arco;</p> <p>Andar como cavaleiros/princesas;</p> <p>Lutar como cavaleiros com espadas dentro e fora do arco;</p> <p>Dançar com um(a) cavaleiro/princesa;</p> <p>Andar no cavalo de cavaleiro segurando a espada e executando vários gestos.</p>			
Parte Principal	<p>Corpo Vivo</p> <p>Exercícios de Deslocamentos e Equilíbrios</p> <p>1.1.2. Corridas, Saltar, Equilíbrio e jogos de inibição</p> <p>2. Conhecimento das noções espaciais</p> <p>2.1. Noções de situação (dentro/fora, frente/atrás, em cima/em baixo)</p>	<p>Posteriormente, a estagiária explica às crianças que terão agora de percorrer o caminho da floresta, com obstáculos, para chegar até À torre onde a princesa está presa.</p> <p>As crianças devem estar em fila alinhadas com o percurso, o qual cada uma irá percorrer de cada vez. Sempre que uma criança finaliza o percurso fica no espaço “escondido” criado pela estagiária.</p> <p>As crianças terão de completar o percurso</p>	<p>Cooperar no jogo correspondendo às instruções do mesmo, nomeadamente:</p> <p>Preconizar as personagens;</p> <p>Andar à volta do arco;</p> <p>Entrar e sair do arco.</p>	<p>6 Arcos;</p> <p>1 Banco sueco;</p> <p>1 Túnel;</p> <p>1 Corda grande;</p> <p>5 Sofás de brincadeira presentes na sala de acolhimento;</p> <p>5 Puff's</p>	23 min.

	<p>2.2. Noções de Movimento (andar/correr, subir/descer)</p>	<p>duas vezes, segundo indicações diferentes, nomeadamente: Sem fazer barulho para os ladrões não ouvirem (na ida para a torre); Muito rápido para fugir do ladrão (no regresso da torre).</p>			
<p>Parte Final (Relaxamento)</p>		<p>Por fim, a estagiária explica às crianças que agora que conseguiram salvar a princesa precisam espalhar essa mensagem pelo reino. As crianças irão sentar-se em roda e jogar ao jogo do “telefone estragado” transmitindo a mensagem “A princesa foi salva.”</p>	<p>Cooperar no jogo correspondendo às instruções do mesmo, nomeadamente: Escutar a mensagem; Segredar a mensagem ao colega seguinte.</p>		<p>7 min.</p>

Anexo nº11 – Reflexão nº9 no contexto de EPE

O Profissional Reflexivo e a avaliação da sua prática pedagógica em prol do grupo de crianças

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

(Paulo Freire, 1991, em A Educação na Cidade)

Paulo Freire transmite-nos na sua essência o verdadeiro sentido do caminho que cada profissional precisa de percorrer, não só em práticas laborais como na educação.

Quando começamos esta viagem nunca a iniciamos a saber tudo e ao longo do caminho precisamos de aceitar estar errados e ter vontade de refletir e reformular a nossa prática. Como se a nossa sala fosse um campo fértil e airoso, as crianças cada semente por florir e cada olhar nosso tivesse que estar preparado para colher cada transformação a qualquer momento. Precisamos de ser exigentes com o nosso olhar, mas de ao mesmo tempo, sermos pacientes. Sabermos esperar que esse campo acabe por florir por si. Não levando para ele as expectativas que tínhamos previamente estipuladas, mas sim reunir uma bagagem e instrumentos que nos possibilitem lidar diariamente com as novas mudanças. Aceitando-as, transformando-as, colocando-as de novo em prática. E nunca esquecer, que mesmo quando algo resulta, não tem necessariamente que se manter assim. Mais ainda, privilegiar o erro. O erro deve ser o principal foco de aprendizagem do profissional. Aliado a instrumentos chave como registos de observação e um olhar preciso para todos os momentos. Tantas quantas vezes sejam necessárias para atingirmos o fim. O fim, não do caminho, porque esse nunca deverá estar limitado. O fim será a aprendizagem e o crescimento saudável das crianças que passam por nós.

Desde que iniciei o estágio e que tive um primeiro contacto com as responsabilidades diárias sobre um grupo de crianças e sobre o seu crescimento, que reflito diariamente sobre vários momentos vivenciados.

Nomeadamente, momentos espelhados na relação educador/criança, criança/criança, auxiliar/criança e claro está, na individualidade de cada criança.

Acredito desde início que refletir sobre a prática pedagógica, diariamente, seja por meio de documentos de observação, avaliações semanais, como por meios não formais, sejam eles apenas a observação, conversas com outros profissionais ou até mesmo com

as crianças, seja um dos fatores chave para o desenvolvimento e amadurecimento de qualquer profissional de Educação.

Na medida em que, mais importante do que a prática, são as lições e aprendizagens que retiramos dela. E o facto de não deixarmos que as atividades ocorram com um fim determinado e objetivo único. Mas sim, debruçarmo-nos sobre a forma como cada uma delas acontece, sobre a forma como a atividade foi apresentada ao grupo, sobre a forma como o mesmo se organizou e relacionou (individual, par, pequeno ou grande grupo), sobre a forma como as crianças com necessidades educativas foram integradas, sobre a forma como os materiais foram definidos e expostos, sobre os novos assuntos, ideias e questões despertadas pelo grupo durante aquela atividade, entre tantos outros exemplos, sempre numa perspetiva de ser, fazer, construir melhor.

Neste sentido, e idealizando eu ser um profissional reflexivo, que trabalha diariamente por corrigir a sua prática e intervenção, adaptando-a da melhor forma em prol das melhores vivências com e do grupo, apoiei-me em alguns documentos no intuito de melhorar as minhas avaliações semanais, nomeadamente, o livro “Avaliação Pedagógica I Insucesso Escolar”.

“Avaliar é determinar a qualidade das técnicas de ensino e dos professores- É muito importante que as atividades e avaliação forneçam dados que permitam ao profissional interrogar-se sobre a forma como actua, sobre as técnicas que utiliza, de modo que ele possa adaptar o seu ensino às características e às necessidades dos alunos.” (página 91). Refutando assim a perspetiva anteriormente defendida.

Neste processo reflexivo, para além dos documentos formais que fui construindo e adaptando sempre que a prática assim o exigia, como por exemplo as avaliações semanais e grelhas de observação (ver avaliações semanais e grelhas de observação da prática pedagógica), os quais fundamentei e reformulei várias vezes, foram igualmente importantes as assembleias de turma e ainda pequenas conversas que fui tendo com as crianças sobre situações que tinha observado (como a resolução de pequenos conflitos através da conversa) ou até sobre ideias das crianças aos quais sempre dei especial atenção.

Todos os momentos vivenciados com o grupo e sobretudo, a observá-lo, representaram a prova de que a prática pedagógica vai muito além das paredes de uma sala! Ela decorre em tantos outros momentos igualmente importantes, sejam eles os de acolhimento, higiene, refeições ou brincadeiras no recreio.

Sendo que a avaliação deverá ter em conta “vários intervenientes no processo de ensino/aprendizagem” e que “avaliar é determinar em que medida cada um dos objetivos foi atingido.” Acreditando pessoalmente que a mesma apoie também o profissional a determinar novos objetivos, possivelmente mais adequados para o grupo. E na igual importância da capacidade do profissional de colocar de lado algo que estaria planificado, e adaptar a sua prática com algo diferente, sabendo que isso será mais vantajoso para o grupo de crianças.

Ainda neste livro, destacam-se os seguintes fatores positivos que a avaliação, na perspectiva de uma bússola orientadora de todo o processo de ensino/aprendizagem, poderá fornecer:

- Adaptar os objetivos às características e interesses dos alunos;
- Adequar as propostas educativas ao nível de uma turma;
- Dar-se conta a par e a passo com as dificuldades com que os alunos se vão deparando;
- Comunicar aos alunos os aspetos a que eles deverão estar mais atentos;
- Tomar consciência da sua própria atuação.

Como exemplo destes resultados que surgem com a avaliação, destaco os momentos de assembleia com o grupo de crianças. Todas as sextas-feiras, reúno com o grupo de crianças durante 30 minutos, em assembleia de turma. Neste momento semanal as crianças não só dialogam sobre o que fizeram durante a semana, como também resolvem pequenos conflitos através da conversa e definem ainda novas atividades/brincadeiras que gostariam de fazer. Traçando assim os próprios objetivos para o grupo, com o grupo. Fomentando a integração das crianças e permitindo ainda que se sintam ouvidas pela equipa educativa.

Defendendo esta postura reflexiva, vivenciei com estas assembleias e com as avaliações semanais aspetos positivos para o amadurecimento da minha prática pedagógica, nomeadamente:

O facto de as crianças definirem muitas das atividades que iriam fazer, sendo que desta forma não só estavam mais interessadas como compreendiam de que forma surgiam as atividades na sala (criação de um fio condutor na aprendizagem);

Foi possível fomentar uma maior aproximação não só com o grupo como principalmente com cada criança na sua individualidade;

Permitiu realizar planificações que partiam sempre das necessidades e interesses das crianças do grupo;

A avaliação semanal e a melhoria deste documento, possibilitou que não só recordasse situações de aprendizagem que decorreram durante a semana, como estipular objetivos a curto e longo prazo para o grupo. Para além disso, apoiou-me sempre que necessitei de fazer um “ponto de situação” sobre alguns objetivos que já teriam sido cumpridos e outros que ainda não.

Refletir sobre o que poderia ainda melhorar na minha postura profissional e definir estratégias semanais, em conjunto com a educadora, para colmatar as minhas dificuldades.

Refutando assim a importância de assumir uma postura reflexiva na ação pedagógica e de compreender que “A avaliação, mais do que um conjunto de técnicas, é um conjunto de atitudes que permitem valorizar as potencialidades de cada um.” (página 93)

Anexo nº12 – Avaliação nº1 no contexto de EPE

Avaliação Planificação 17

ALTERAÇÕES	FATORES POSITIVOS	A MELHORAR	IDEIAS
<p>Planifiquei para a brincadeira na lama um percurso no qual as crianças trabalhavam a orientação (direita, esquerda, frente, trás) e também a velocidade (rápido/devagar).</p> <p>No qual eu lhes mostrava a fotografia de um animal veloz ou pouco veloz e eles teriam de associar o mesmo à velocidade do carro.</p> <p>Quinta-feira</p> <p>Não consegui ir com um dos pequenos grupos lá fora, para brincar com os carros na lama, tal como planeado, porque estava a chover.</p> <p>No entanto, fomos na sexta-feira!</p>	<p>Quarta-feira</p> <p>A dinamização da hora do conto “Uma história de dedos”, juntamente com a sala dos 4 anos, correu muito bem. Os meninos não só adoraram as histórias, como também estiveram atentos à dramatização da mesma e à criação do seu dedoche individualmente.</p> <p>Depois da atividade os meninos brincaram com os dedoches. O facto de a atividade estar bem preparada, tal como todos os materiais, ajudou a que tudo corresse bem.</p> <p>Na aula de Natação preenchi a grelha de observação e conversei um pouco com os Professores sobre a evolução das crianças.</p> <p>Quinta-feira</p> <p>A visita do pequeno grupo à biblioteca correu muito bem! Para além de lhes ter demonstrado uns vídeos sobre os astronautas e octonautas, todos juntos procuramos livros que nos dessem mais algumas informações sobre o tema.</p> <p>O pequeno grupo esteve muito recetivo e deu várias sugestões para a nossa pesquisa. Será criado na próxima semana um espaço na sala para afixar as descobertas sobre estes temas e outros temas que possam surgir de futuro.</p> <p>Sexta-feira</p> <p>As fotografias recolhidas durante a semana e demonstradas às crianças neste dia, fomentaram as suas ideias e opiniões no momento de assembleia.</p>	<p>Gerir as atividades dando resposta num curto espaço de tempo;</p>	<p>Criar um espaço na sala para as pesquisas das crianças.</p> <p>Esta ideia surgiu com a ida à biblioteca com um pequeno grupo, pesquisar sobre os astronautas e octonautas.</p> <p>Criar também uma grelha de observação para uma aula de Música, Ginástica e Expressão Plástica;</p> <p>Dinamizar uma atividade artística sobre Wassily Kandinsky;</p>

Para além do que foi anteriormente mencionado, acrescento o facto de ter sido importante planificar a tarde de quinta-feira para pequenos grupos que estivessem em determinadas áreas, trabalhando segundo a **diferenciação pedagógica**.

Anexo nº13 – Avaliação nº2 no contexto de EPE

Alterações à planificação

Quarta-feira

Os meninos estavam ansiosos por tocar no livro do Trincas e por isso fizemos um acolhimento mais pequeno, aproveitando o interesse das crianças pela hora do conto.

Quinta-feira

Quando planifiquei a atividade de Matemática com os legos, idealizei a mesma com 3 níveis de dificuldade. No entanto, quando estava a construir os cartões optei por criar cartões que fomentassem ao máximo o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático e com 4 níveis de dificuldade.

Resultados significativos da intervenção

Quarta-feira

O grupo estava um pouco agitado no momento do acolhimento e como ia contar uma história decidi cativar a sua atenção dizendo que da história iria surgir um monstro trincas e que ele saltaria do livro. Fingi estar a ver o monstro e que ele me estava a tentar trincar. De seguida, deixei que todos experimentassem tocar no livro e verem se o Trincas de lá saltava. Sinto que evolui a este nível pois no início do ano tinha alguma dificuldade em adequar as atividades ao mundo do imaginário das crianças de 3 anos e para além disso até há pouco tempo sentia-me também nervosa nos momentos em que o grupo estava desconcentrado. As crianças ficaram muito motivadas com o facto de fazerem um marcador com um Monstro Trincas para entrar nos seus livros!

É também importante referir que desde que voltei a explicar a dinâmica do espaço da sala “Quem ajudou?” que as crianças compreenderam melhor o sentido da mesma, na medida em que assim que cheguei ao colégio muitas contavam-me situações em que viram os colegas ajudarem outros. Observo que o facto de conversar com o grupo sobre as boas atitudes e entretida entre as crianças, promove a ligação e aproximação das mesmas.

Quinta-feira

Quando introduzi a atividade, ao invés de chamar as crianças logo para as mesas, optei por resolver um cartão de cada nível de dificuldade em grupo, no intuito de esclarecer as dúvidas das crianças antes de começarem a atividade e de diminuir o nível de frustração que poderia surgir quando não conseguissem compreender o que os cartões pediam. Sinto que esta alteração à planificação permitiu que as crianças disfrutassem mais da atividade de forma tranquila e participativa, visto que não só compreenderam o que lhes foi pedido como também quiseram resolver os vários cartões expostos.

Foi também importante trabalhar o domínio da matemática de forma lúdica e o facto de ter deixado no final cada uma criar uma figura livre com os legos deixou também as crianças ainda mais entusiasmadas. Posteriormente, deram a conhecer ao resto dos colegas as figuras criadas.

Sexta-feira

A assembleia decorreu normalmente e as crianças participaram bastante refutando que gostariam de voltar a fazer os jogos que fizeram esta semana. Realizei mais jogos tradicionais com as crianças no momento de recreio o que levou a que todas estivessem a brincar em grande grupo.

Aspetos individuais a melhorar (estagiária)	Idealizado/A implementar
<p>Sinto que ainda fico bastante receosa quando tenho que chamar a atenção de uma criança. Este é um fator a melhorar e na minha opinião as crianças mais observadoras também se apercebem disso, o que terá de ser ultrapassado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Planificar uma aula de expressão motora na próxima semana. • Continuar a planificar momentos de recreio com jogos tradicionais. Tenho sentido que a relação das crianças em grande grupo tem melhorado muito desde que explorei e dei a conhecer mais jogos no recreio. • Saber qual a opinião das crianças sobre que mudanças podemos ainda realizar na sala.
Estratégias de Intervenção	
<p>Continuar a observar o papel da educadora perante situações de conflito ou falta de atenção das crianças, pois acredito ser um excelente exemplo;</p>	

Decorrer da semana e alterações à planificação

Quarta-feira

A aula de Expressão Motora foi planificada com jogos bastante dinâmicos e do interesse das crianças. Tal como os materiais. No entanto, foram demasiados jogos planeados para um tempo curto, o que tornou mais confuso ao invés de ajudar. Visto que as crianças precisavam de um maior tempo de explicação e demonstração daquilo que tinham de fazer. Faltou o fio condutor durante as atividades, como por exemplo uma história para que as crianças tivessem mais facilidade em acompanhar as mudanças de jogo, tal como fiz da última vez sobre a natação.

Quinta-feira

Neste dia vieram os Pais do [REDACTED] à sala dinamizar uma hora da família. Os pais não só fizeram panquecas com as crianças como tiraram uma fotografia e lhes entregaram um diploma.

Sexta-feira

Realizei a atividade das 3 casinhas (triângulo, quadrado e círculo). Esta foi uma das atividades mais bem conseguidas ao longo deste ano. Foi pensada segundo o interesse das crianças, visto que as figuras geométricas são algo do qual gostam muito de aprender e foi também organizada de forma adequada à sua idade. As crianças compreenderam que teriam de escolher, recortar e colar as figuras que correspondiam à sua figura geométrica e demonstraram-se bastante participativas no momento de decorar a sua casinha e de recolher mais fotografias presentes no colégio! Para além disso as crianças ajudaram-se muito umas às outras.

Resultados significativos da intervenção

Quarta-feira

Apesar de não ter conseguido dinamizar todos os jogos planificados, sinto que estes momentos têm fomentado um maior espírito de entreajuda no grupo e direcionado mais vezes as suas brincadeiras para brincadeiras de pequeno e grande grupo, nomeadamente no recreio.

Quinta-feira

A vinda dos Pais do [REDACTED] à sala surge como resultado do convite que enviamos aos Pais no início do ano. A concretização destas horas da família foi sem dúvida dos momentos mais importantes para mim ao longo deste ano. Fico muito feliz que tenham surgido de necessidades partilhadas pelas crianças através da assembleia e das mesmas sentirem que tiveram resposta. Neste dia, a Professora de Espanhol teve que sair da sala mais cedo e por isso decidi aproveitar os 30 minutos para desenhar e pintar com as crianças as figuras geométricas, no intuito de facilitar a introdução da atividade do dia seguinte. Este foi o meu ver um aspeto positivo, sendo que me senti confiante para começar uma atividade que não estaria planificada para aquele dia, e tornar aquele momento mais produtivo.

Sexta-feira

Esta atividade foi fundamental para mim enquanto estagiária pois permitiu-me disfrutar dos resultados tão positivos da mesma, nomeadamente, de ver as crianças tão motivadas e participativas. Acho que o mais importante foi que todo o grupo se sentiu integrado e colaboraram todos uns com os outros, percecionando perfeitamente aquilo

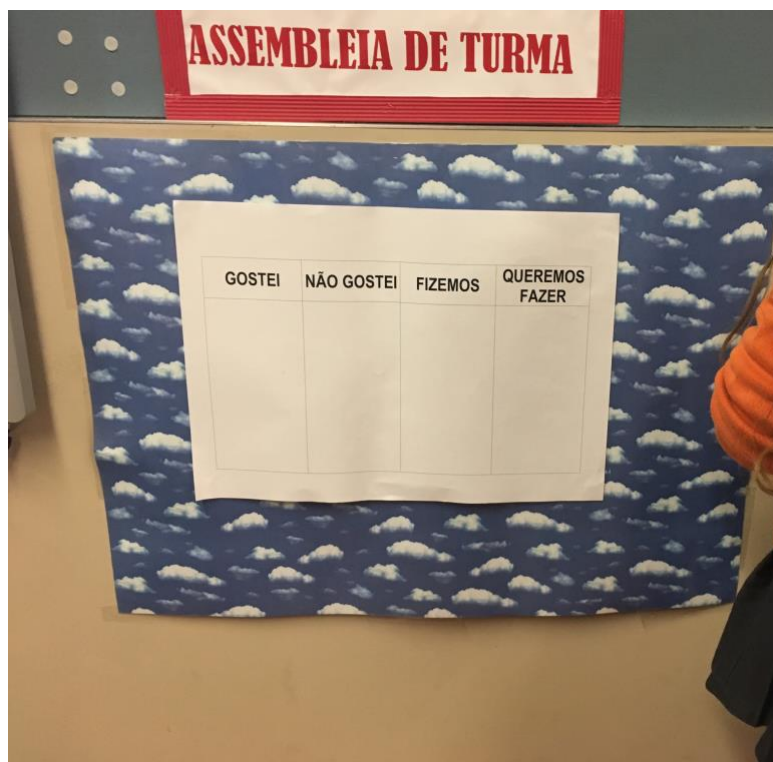
que lhes era pedido e correspondendo sempre de forma participativa.

Aspetos individuais a melhorar (estagiária)	Idealizado/A implementar
Gerir melhor o nervosismo na dinamização de aulas de expressão motora.	<ul style="list-style-type: none">• Voltar a dinamizar uma aula de Expressão Motora.• Criar uma caixa de correio juntamente com as crianças para que possam receber lá os desafios da fada mágica e sentirem-se mais motivadas.• Dinamizar uma atividade de relaxamento que estimule também o lado sensorial, através de uma história criada por mim.
Estratégias de Intervenção	
<p>Com o apoio de algumas ideias e documentos cedidos pela Sílvia, irei voltar a realizar uma aula de Expressão Motora. No intuito de ficar mais familiarizada não só com o nível prático como também com o nível de planificação da mesma.</p> <p>Continuar a ser responsável pela gestão de tempo ao longo do dia, para além das atividades dinamizadas por mim.</p>	

Anexo nº15 – Instrumentos de participação e avaliação pelas crianças

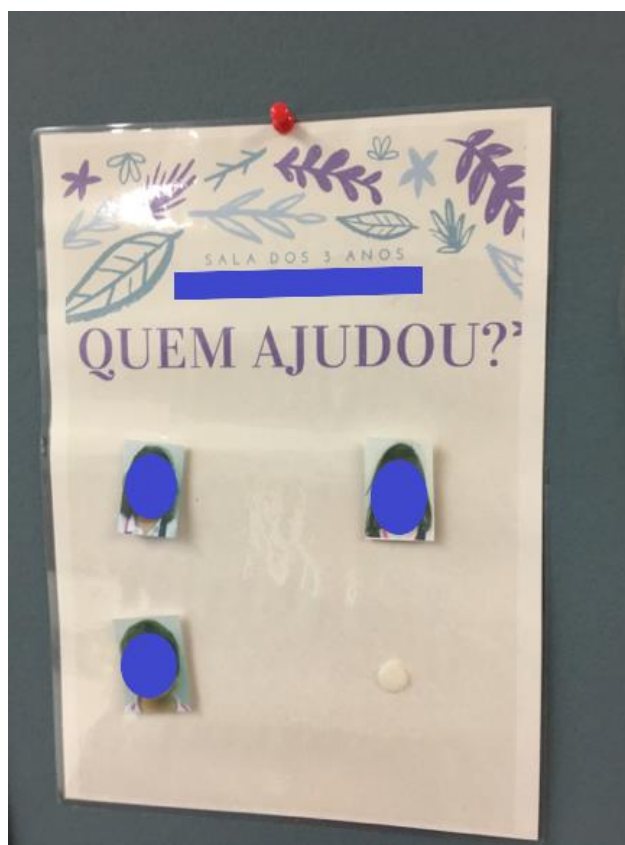
ASSEMBLEIA DE TURMA

GOSTEI	NÃO GOSTEI	FIZEMOS	QUEREMOS FAZER

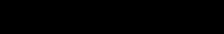
A classroom assembly board titled "ASSEMBLEIA DE TURMA" is mounted on a wall. The board has a blue background with a white cloud pattern. A white table with four columns is pasted onto the board. The columns are labeled "GOSTEI", "NÃO GOSTEI", "FIZEMOS", and "QUEREMOS FAZER". The table is currently empty.

SALA DOS 3 ANOS

QUEM AJUDOU?

A poster titled "QUEM AJUDOU?" is pinned to a wall. The poster has a decorative border with purple and blue floral and leaf patterns. At the top, it says "SALA DOS 3 ANOS" above a blue rectangular box. Below the box, the title "QUEM AJUDOU?" is written in large, bold, purple letters. There are three small, square, blue circular markers on the poster, arranged in a triangle. A red pushpin is visible at the top center of the poster.

Anexo nº16 – Quadro 1 com registos da assembleia no contexto de EPE

Gostei	Não Gostei	O que fizemos	O que queremos fazer
“Gostei de ficar em casa à noite, quando estava a chover.” – L	“Não gostei de ter febre.” – L	Escrevemos as novidades com a 	“Mais animais para a sala.” – L e J - Um coelho, uma girafa, uma joaninha, um crocodilo, um passarinho, um cão pequeno, um tucano, um sapo, um elefante, um coelho, um cão, um papagaio, um gato e uma vaca.
“Eu gostei dos números, de jogar e do 4.” – P	“Os feijões não crescerem.” – L	O jogo dos números da Ana.	“Não precisamos de fazer a máquina da roupa hoje porque já temos a Ana” – T
“Das receitas do livro.” – M	“Não crescerem porque tinham de ter sol.” - B	“Fomos lá fora ao carnaval.” – M	“Máquina para secar a roupa.” - Todos
“Ver o papá e a mamá.” – L		“Passarinhos e casinhas.” – T	“Brincar.” – “Ver joaninhas.” – T
“Gostei de fazer os passarinhos e das casinhas bonitas.” – T			“Pintar.” – L “Fazer mais feijões.” – C

Anexo nº17 – Quadro 2 com registos da assembleia no contexto de EPE

Gostei	Não Gostei	O que fizemos	O que queremos fazer
“De fazer yoga. É importante para fazer uma árvore.” – J		Pintamos as novidades com o dedo.	“Visitar os feijões lá fora.” – C
“Yoga é relaxar.” – P		Estivemos a fazer colagens.	“Um passeio, onde podemos ver: a fábrica; os carros; o metro; flores.”
“Pintar os pauzinhos dos		“Fizemos yoga com a mãe da SL.	“Fazer mais colagens.” – P

cavalos na plástica” – L			
		Pintamos os cavalos na plástica.	“Precisamos de um sofá” - T
		Fomos à natação.” – T “Aprendemos a fábrica.” - P	“Precisamos de um estendal e um telhado na casinha” - P

Anexo nº18 – Quadro 3 com registos da assembleia no contexto de EPE

Gostei	Não Gostei	O que fizemos	O que queremos fazer
“Gostei muito de jogar com o Pai.” – L. e S.	“Não gostei que as construções tivessem confusão.” – T	“Festejamos o dia do pai.”	“Investigar sobre os astronautas e octonautas.” – J
“Gostei de ver o mau papá brincar aos carros comigo.” . P	“Não gostamos dos pais irem embora.”	“Pintamos as garrafas para os pais, de formas diferentes.”	“O mapa da assembleia ficar em baixo para nós podermos ver.” – T
“Gostei do dia do Pai.” – L		“Fizemos com esponja, pincel e salpicos.”	“Brincar com os carros na lama.” – P
“Eu gostei mais dos balões.” – S.		“██████ trouxe limões e laranjas. Fizemos limonada para todas as salas.”	“Fazermos mais jogos.” – A
“Trouxe os balões porque ajudamos a encontrar o parque das Sete Bicas.” – S.		“Fizemos o passeio.”	“Contar as novidades com os botões.” – L
			“Uma quiche de ervilhas.”
			“A mãe vir à sala, ela lê histórias.” S.

Anexo nº19 – Quadro 4 com registos da assembleia no contexto de EPE

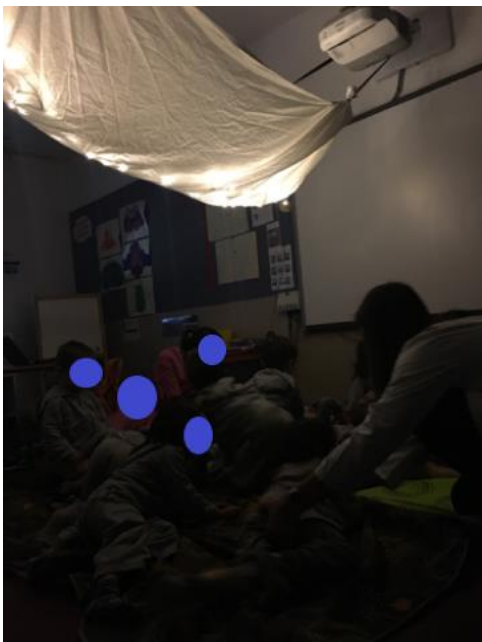
Gostei	Não Gostei	O que fizemos	O que queremos fazer
“Gostamos muito da Ana. De salvar a princesa para floresta.” – L	“Não gostei do carro do recreio andar depressa.” – P	“Tivemos de ir pela floresta sem fazer barulho para salvar a princesa e o	“Andar de trotinete.” – A

		ladrão não acordar.”	
“Eramos princesas e eles ladrões.” – N e L	“Não gostei da casinha desarrumada.” - M	“Experiências.” – P	“Alguma coisa nas escadas: números.” – M
“Descobrimos o verde com o azul e amarelo.” – M		“Água, pipetas, lupa, álcool, óleo, cores, filtro de café e marcadores.” – P	“Pintar um arco-íris.” – T
“Gostamos de ver os meninos crescidos a lavar os dentes sozinhos.” – M		“Fizemos ciências.” – P	“Brincar aos carrosséis e barcos.” – T
“Gostamos da música no recreio.” - M		“O marcador tem muitas outras cores.” - M	“Fazer barquinhos. Siiim.” - Todos
“As novidades no papel de guardanapo” - S			

Anexo nº20 – Quadro 5 com registros da assembleia no contexto de EPE

Gostei	Não Gostei	O que fizemos	O que queremos fazer
“Livro/conto de grupo- “Os Piratas” – D	“Não gostei do barulho” – P		“Queremos mudar as áreas” - S
“Gostei fazer um bolo (2 vezes)” – M	“Não gostei que a casinha tivesse muitos meninos.” - T		“Queremos pintar colorido e com o que quisermos” - A
“Gostei ajudar as pessoas” – S	“Não gostei da casinha desarrumada” - M		“Queremos fazer uma tarte de maçã” - M
“Gostei garagem para os carros” - C			“Queremos que mais meninos pudessem estar na plasticina.” - P
			“Quero dançar” – I
			“Fazer um jogo dos animais” - P

Anexo nº21 –Atividade de relaxamento no contexto de EPE



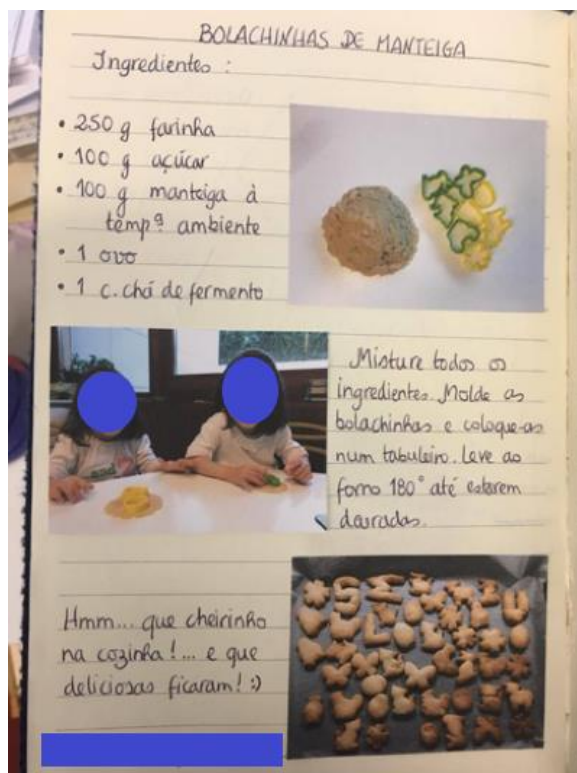
Anexo nº22 – “O que andamos a investigar” Atividade implementada no contexto de EPE



Anexo nº23 – “Pais na escola” Atividade realizada no contexto de EPE



Anexo nº24 – “O livro da culinária” Dispositivo pedagógico criado no contexto de EPE e atividades que fomentaram o mesmo



Anexo nº25 – Guião da entrevista à EEPE

Informação complementar: Ano de serviço _____

BLOCO A - Importância de um profissional reflexivo:

1. Que importância atribui à assunção de profissional reflexivo na educação?
2. Na sua opinião, quais as características essenciais num profissional de educação para ser reflexivo?
3. Na sua formação inicial e contínua teve formação no quadro do profissional reflexivo? Em caso afirmativo, em que circunstâncias?
4. Na sua opinião, que aprendizagens poderá o educador cooperante desenvolver através do trabalho em parceria com um estagiário que desenvolve a prática reflexiva?

BLOCO B - Instrumentos mobilizados pela estagiária no decurso do estágio profissionalizante:

5. Quais os instrumentos/recursos mobilizados pela estagiária ao serviço do profissional reflexivo?
6. A estagiária procurou melhorar esses instrumentos e a sua intervenção através da reflexão sobre a ação, durante a ação e depois da ação? Se sim, de que forma?

BLOCO C - Impacto da reflexão da estagiária na sua ação educativa:

7. De que forma a prática reflexiva teve impacto na intervenção/desenvolvimento do grupo de crianças? E na equipa pedagógica?
8. É capaz de identificar alguns momentos informais que espelharam a ação reflexiva da estagiária?
9. Destaque alguns exemplos de melhorias sentidas no decorrer da experiência de estágio devido à prática reflexiva realizada pela estagiária.
10. Na sua opinião, a prática reflexiva foi um fator chave no crescimento pessoal e social da estagiária no decorrer da experiência de estágio?

BLOCO D - Impacto da reflexão na ação educativa na educadora cooperante:

1. Existiram momentos de reflexão entre estagiária/educador cooperante? Se sim, quer identificar alguns?
2. Qual a sua importância e o impacto que tiveram?
3. Sentiu que beneficiou do facto de ter uma estagiária que valorizava a prática reflexiva? Se sim, em que aspetos?
4. Quer acrescentar mais algum aspeto?

Anexo nº26 – Análise da entrevista à EEPE

Quadro 1		
Bloco A		
Categoria- Importância do Profissional Reflexivo		
Subcategoria	Indicadores	Evidências
Reflexão	Reflexão das práticas Reflexão ao longo da vida	“(…) cabe a todos os profissionais na área da educação refletirem acerca das suas práticas.” “(…) considero de extrema importância a reflexão ao longo de toda a vida profissional.” “Espero que continuem a formar educadores reflexivos para que possam ao longo da sua vida questionar constantemente de forma a dar resposta a cada uma das crianças ajudando-as como nos diz, Fernão Capelo Gaivota, a voar mais alto.”
Formação no quadro do profissional reflexivo		“Tive uma formação no Colégio onde trabalho juntamente com toda a equipa docente (Pré-escolar e 1o CEB) facultada pela Faculdade de Psicologia no âmbito da reflexão e supervisão pedagógica.”
Características do profissional reflexivo	Reflexão sobre o ciclo: Planificar/Executar/Avaliar Reflexão com os pais Reflexão em grande grupo Reflexão com cada criança Refletir para reavaliar	“(…) a capacidade de planificar, executar, avaliar e ao longo de todo o processo” “Cabe ao educador refletir, sozinho, mas também com a equipa pedagógica, com os pais e com as crianças, avaliando e reavaliando constantemente a sua ação.” “(…) refletir sobre a sua intervenção no grande grupo (…)” “(…) e com cada uma das crianças.” “só com a reflexão se consegue reavaliar e reajustar estratégias, atividades, interações, (…)”

<p align="center">Quadro 2 Bloco B Categoria- Instrumentos mobilizados pela estagiária no decurso do estágio profissionalizante</p>		
Subcategoria	Indicadores	Evidências
Instrumentos mobilizados	Mobilização de Instrumentos/recursos: <ul style="list-style-type: none"> • Fotográficos • Escritos • Áudio 	“(…) recorreu a registos (fotográficos, escritos, de áudio) e instrumentos de recolha de informação que lhe possibilitaram refletir acerca da sua prática.”
	Reflexões Melhoria dos registos	“(…) ao longo de todo o processo, a estagiária foi elaborando reflexões de modo a melhorar os seus registos tornando-os cada vez mais funcionais e adequados ao grupo e a cada uma das crianças.” “A estagiária demonstrou-se ao longo do estágio extremamente crítica quanto à sua intervenção e mostrou uma postura de questionamento constante face ao que era elaborado, traduzindo-se assim na organização/reorganização das suas atividades e das suas intervenções no grupo e com cada uma das crianças.”

<p align="center">Quadro 3 Bloco C Categoria- Impacto da reflexão da estagiária na ação educativa</p>		
Subcategoria	Indicadores	Evidências
	Questionamento constante Reformulação da intervenção	“A estagiária demonstrou-se ao longo do estágio extremamente crítica quanto à sua intervenção e mostrou uma postura de questionamento constante face ao que era elaborado, traduzindo-se assim na organização/reorganização das suas atividades e das suas intervenções no grupo e com cada uma das crianças.” “Ao nível da planificação e da avaliação semanal, bem como nos registos, a estagiária foi demonstrando um crescimento e uma capacidade de reflexão progressivamente maior.”

	Modelagem de comportamentos no grupo de crianças	“Ao nível da planificação e da avaliação semanal, bem como nos registos, a estagiária foi demonstrando um crescimento e uma capacidade de reflexão progressivamente maior.”
	Crescimento pessoal e social	“Nos tempos de recreio a estagiária participou nos jogos e nas brincadeiras livres, ajudando na modelagem de comportamentos adequados dentro do grupo.”

Quadro 4		
Bloco D		
Categoria- Impacto da reflexão na ação educativa da educadora cooperante		
Subcategoria	Indicadores	Evidências
	Trabalho em parceria educador/estagiário Partilha de conhecimentos e experiências	“(…) a partilha de experiências, em diferentes fases da vida, a partilha de conhecimentos recentes, de novos estudos, entre outros são sempre uma mais valia no trabalho de parceria com os estagiários.”
	Momentos formais e informais Valorização da individualidade de cada criança	“(…) existiram vários momentos: formais e informais. Refletimos nas avaliações e nas planificações conjuntas, mas também ao longo dos vários dias, através de conversas informais em que referíamos características de cada criança e a forma como interagem, tentando valorizar a individualidade de cada um para que fosse uma mais-valia para todo o grupo. “(…) sinto que beneficiei com esta questão pois fomos tirando sempre o maior proveito destas reflexões ao longo dos vários dias e nos variados momentos (…)”

Anexo nº27 – Reflexão 1 no contexto de 1ºCEB

“Educar no século XXI”

O mundo em que vivemos está em constante mudança, o que torna o trabalho e a profissão docente ainda mais exigente. Exigente porque hoje em dia, o objetivo principal não está só em aprender, mas sim em fomentar mecanismos diversos que nos ajudem a aprender a aprender e capacidades díspares para lidar com a adversidade como um desafio.

Transformando os conteúdos que até então estavam fechados entre os livros da sala e levando-os a expandirem-se para fora das paredes.

Começa agora a viagem da transversalidade. A transversalidade dos conteúdos, dos ambientes, dos materiais, das aprendizagens, dos profissionais do ensino. E a interdisciplinaridade tornou-se num dos motores que sustenta essa mesma viagem.

O educador e o professor do século XXI, transportam-nos para *“as representações que se produzem acerca do que é ser professor e aluno; uma transformação que, finalmente, nos conduz a afirmar outras preocupações e compromissos pedagógicos em função dos quais se opta por querer propor determinados tipos de atividades no espaço das salas de aula, das escolas e da própria comunidade educativa, querer assumir determinadas opções no domínio da gestão do espaço e do tempo de trabalho escolar e, subsequentemente, no domínio da adopção de dispositivos e procedimentos de medição pedagógica congruentes com aquelas preocupações e compromissos.”*¹

O educador e o professor do século XXI, têm nas suas mãos uma nova missão. A missão de ensinar as suas crianças a escutar ao invés de ouvir, a fazer perguntas ao invés de apenas responder, a questionar ao invés de aceitar. E, sobretudo, a observar fazendo uso de todos os seus sentidos e características próprias e únicas. Sendo o seu papel e necessidades o núcleo principal do ensino.

O educador e o professor do século XXI, precisam agora de ser mais do que tudo, pessoas. Mais do que simples mensageiros da sua profissão. Porque num mundo cheio de informação, as mensagens só chegam às crianças pela via do coração.

Um desafio intelectual e emocional veio substituir a rotina já absorvida de ensinar através de curtas e incessantemente prescindíveis ligações. Um desafio que alimenta agora o paradigma da individualidade, pois que sentido fará continuar a trabalhar sobre

um método individualista, quando as escolas começam a abolir as paredes que nos separam?

Complementando esta ideia, defendendo que “trata-se de uma verdadeira revolução para os professores, que até então preferiram cultivar o individualismo e apenas raramente conseguiam cooperar de maneira eficaz. Para ter êxito nessa operação difícil e delicada, hoje sabemos que é primordial que os professores não sejam mais vistos como indivíduos em formação, nem como executores, mas como atores plenos de um sistema que eles devem contribuir para transformar, no qual devem engajar-se ativamente, mobilizando o máximo de competências e fazendo o que for preciso para que possam ser construídas novas competências a curto ou médio prazo.”

Este comboio do século XXI trouxe-nos a interdisciplinaridade. E esta não se resume a tantos livros quanto disciplinas, abertos em simultâneo, mas sim a um livro mental criado pelo docente onde o espaço se difunde as vezes que forem precisas em prol das necessidades do ensino.

“A interdisciplinaridade é um eixo norteador das práticas de ensino, pelo que, o estudante de uma licenciatura e mestrado em Educação deve ter um conjunto de competências que lhe permita estabelecer as relações entre as partes e o todo, fazendo emergir, da sua investigação e análise, a interação existente entre várias áreas do saber.”

Na mesma linha de pensamento, acredito, enquanto formanda desta instituição, que a postura interdisciplinar e reflexiva face à ação educativa seja um dos fatores chave na construção de um profissional competente, interventivo e preocupado com as necessidades e exigências que irão fazer-se sentir cada vez mais com as gerações futuras.

Na minha opinião, a prática interdisciplinar representa muito mais do que trabalhar duas ou mais disciplinas em simultâneo. Representa muito mais do que salas distintas que abrem apenas as portas uma à outra. A prática interdisciplinar, representa o melhor de vários mundos em prol da educação e das necessidades educativas.

Representa uma sala em que as diferenciadas dimensões de conhecimento emergem num fio condutor comum. Mais ainda, um trabalho relacional que implica positivamente no desenvolvimento e amadurecimento das competências dos alunos, não só ao nível dos conteúdos como principalmente na capacidade de trabalhar com várias perspetivas, conciliando e gerindo informações diversas, sabendo trabalhar sobre as mesmas seja de forma individual ou em pequenos e grandes grupos.

Uma planificação interdisciplinar exigirá também ao profissional de ensino uma nova dimensão da preparação para a aula, na medida em que para estabelecer esta ligação

natural entre os diversos conteúdos, deverá estar devidamente preparado ao nível científico e prático. Deverá conhecer os seus alunos na sua individualidade, e estar preparado para transformar o ambiente e os materiais todos os dias, dando-lhes sempre caras novas.

Através do trabalho desenvolvido em unidades curriculares como as expressões confirmei experientemente que elas são também imprescindíveis para alimentar a prática interdisciplinar, e que não são apenas os alunos que precisam de uma formação a este nível mas antes de tudo mais, os profissionais de educação.

Neste sentido “Mais do que assumir uma continuidade sem limites relacionada com manualidades artísticas, desconexas, isoladas e sem intencionalidades pedagógicas, é necessário uma nova forma de estar e pensar a arte no ensino superior que leve os estudantes a questionarem-se sobre o propósito e a importância da educação artística e os ajude a perceber a relação de proximidade que existe entre escola, arte e sociedade, para que assim se possa operar nas próximas gerações uma transformação de mentalidades que produzirá efeitos na operacionalização das práticas educativas.”

É em tantas vezes através das expressões que as crianças comunicam sem pensar em todas as regras, pintam sem medo de errar, são atores e experienciam as personagens que gostariam de ser, dançam, cantam, dão as mãos, falam do que precisam e do que querem realmente ser e são felizes. Sendo que “a manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permitem que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade.”

Qualquer disciplina e conteúdo é passível de se relacionar com as expressões, seja como registo de aprendizagem ou até mesmo na construção de projetos sobre os conteúdos lecionados.

Em suma, esta formação académica tem-me permitido perceber que se exercermos uma prática preocupada com todas as dimensões, e em desenvolver sobretudo aquelas sobre as quais nos sentimos menos à vontade, ao invés de as colocarmos de lado, permitiremos assim às nossas crianças que cresçam com experiências, vivências, conhecimentos, e sobretudo uma verdade, dimensional, que as prepara para muitos mais e diferentes desafios.

Anexo nº28 – Reflexão 2 no contexto de 1ºCEB

“O ambiente educativo, a relação pedagógica e os métodos pedagógicos”

Questões de partida:

- Como perspetivo o ambiente educativo? Qual a sua importância?
- Que tipo de relação pedagógica quero investir? Porquê?
- Que método(s) pedagógico(s) considero mais ajustado(s)?

Perspetivar o **ambiente educativo** enquanto estagiário de uma realidade docente, permite-me comprovar diariamente que refletir para a ação é uma atitude fundamental. Uma forma de estar e ser que pretendo assegurar, não apenas ao longo desta formação, como diariamente, ao longo de todo o meu caminho profissional e pessoal.

Habitualmente, contemplamos a nossa perspetiva sobre o ambiente educativo, com um foco mais positivo do que interditivo, e na minha opinião, deveremos principalmente estar preparados para vivenciar um ambiente educativo menos notável e nutrirmo-nos de positividade e energia para fazer a diferença.

Como acredito que na área da educação para se ensinar é indispensável se ser, pessoalmente prefiro perspetivar para o trabalho do que para um sonho.

Sendo assim, perspetivar o ambiente educativo faz sentido se ponderarmos a conceção de que “encontramo-nos num movimento de renovação diante deste modelo revolucionário de projeto educacional. Depararmo-nos com a necessidade de trabalharmos no sentido de aprimorar o nosso conhecimento e desenvolver possibilidades, favorecendo, assim, o desenvolvimento das competências dos nossos alunos, permitindo-lhes que aprendam a pensar por eles próprios, a partir de diretrizes básicas, permeadas por valores e princípios.”.

Neste sentido, idealizo sobretudo que o ambiente educativo seja aquele que demonstra às crianças a educação, não como uma obrigação, mas sim dando-lhes a conhecer um caminho próprio que lhes dará razões para perceber e confirmar o que é para si a educação e, claro está, a sua importância.

Mais ainda, que a escola não nos prende. Por que a escola, transmite-nos conhecimento, e só através do conhecimento seremos livres!

Todos os profissionais que constroem este ambiente educativo diariamente, deverão ter sempre presente que “Todas as crianças possuem um conjunto de experiências

e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia. Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens posteriores mais complexas.”

O ambiente educativo não deverá representar apenas a primeira porta que se abre quando a escola inicia e a última que se fecha quando o dia encerra.

O ambiente educativo deve apresentar uma porta transversal, onde para lá dela deve estar todos os dias uma escola nova. Uma escola que melhora em prol das necessidades dos seus alunos. Porque a escola antes de tudo o mais, dá o exemplo. E haverá melhor exemplo do que uma escola que transforma os seus aspetos menos favoráveis em algo melhor?

Na mesma linha de pensamento, “A escola não pode ser uma empresa porque a lógica da educação não é a do mercado”. Observando sobre este mesmo olhar e refletindo sobre as gerações vindouras e as suas características tão únicas, acredito que cada vez mais a escola deverá ter lugar para a diferença, porque formar para a igualdade não significa formar para que todos pensem e atuem da mesma forma.

A escola deverá educar sobre a equidade, sobre os valores. Preparar para os desafios, transmitindo que o importante não será todos reagirem e solucionarem os mesmos de igual modo.

É inexequível um ambiente educativo sem equipa educativa. E, claro está, uma equipa educativa que deverá fortalecer a sua **relação pedagógica**. E, na minha opinião, a relação pedagógica estabelecida entre o aluno e o professor, é em muitas vezes fruto da segurança que o aluno sente sobre a relação pedagógica entre todos os intervenientes da sua própria escola.

No que concerne à relação pedagógica, deveremos refletir sobre “o impacto informativo das interações que se estabelecem entre os professores, os alunos e o património de informações, de instrumentos de mediação cultural, de procedimentos ou de atitudes no âmbito do processos de desenvolvimento dos projetos de formação que têm lugar no seio das escolas”, mais ainda, “valorizar a riqueza e a qualidade das interações entre os atores, em detrimento das interações entre estes e o património cultural, como fatores propulsores tanto das aprendizagens a desenvolver como do processo mais amplo de formação que importa promover”.

Defendo assim uma atitude aberta para a relação pedagógica com todos os participantes do meio educativo, valorizando cada um deles, desde o funcionário da

recepção, cantina, limpezas, biblioteca, docentes e direção pedagógica. Pois as aprendizagens mais significativas acontecem das relações mais significativas também!

Por fim, e não menos importante, refletir sobre o **método pedagógico**. Ao longo de toda a minha formação na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, asseguro que um dos exemplos que nunca mais irei esquecer, foi que, não deveremos caminhar sobre um método pedagógico fechado, e utilizá-lo para sempre, muito menos só porque o mesmo resultou perfeitamente com um grupo de alunos. Na medida em que os alunos serão sempre diferentes, as suas necessidades também e, para isso, o professor deverá estar sempre disposto a reformular e aceitar a mudança, porque há sempre algo a melhorar e prosperar. O método pedagógico não deverá ser fundido como um guião inalterável, mas sim como um meio adaptável aos novos estímulos da educação.

Pessoalmente, debruço a minha intervenção sobre um método principalmente reflexivo e avaliativo, sobre o qual reflito, para, durante e depois da ação, avaliando constantemente a minha intervenção e os resultados que ela traz. No intuito de corresponder às necessidades dos alunos, individuais e enquanto grupo. Refletindo não só sobre o conhecimento que transmito, mas sobretudo sobre a forma como o apresento. Refletindo não só sobre os comportamentos esperados, mas sobretudo nos instrumentos que poderei construir, em prol da melhoria desses comportamentos. Refletindo não só sobre o dever que o aluno deve ter, mas sobretudo sobre os direitos que tem, e em como o exemplo que vive dentro da sala se elevará para o que reproduzirá perante a sociedade em seu redor. Refletindo sobre de que forma poderei organizar e aproveitar os espaços ao dispor das aprendizagens, ao invés de me centrar no espaço que falta. Refletindo sobre a flexibilidade do currículo e interdisciplinaridade que poderei dinamizar e proporcionar, ao invés do tempo que nos fazem acreditar, não termos.

Sobre o tempo.

Lembro-me vivamente de quando fui aluna de uma escola primária, ao que diziam, pequena, e no meio de nada. E lembro-me que as pessoas que lá trabalhavam a transformavam num espaço infinito, tão rico, com lugar para todos. Lembro-me da Professora que era de todos nós e que me fez também querer ser professora. Lembro-me como era paciente, educada, curiosa, de sorriso acolhedor e palavra amiga, de atitude firme pró-ativa. Lembro-me que aprendi o sentido das regras, entendendo-as, ao invés de as aceitar sem perceber.

Lembro-me que o tempo corria. E mesmo assim, havia sempre tempo.

E eu queria sempre mais tempo lá.

Um dia quero que os meus alunos me vejam, como eu via a minha Professora. E que vivam numa escola, que mesmo sendo pequena, tenha espaço para cada um deles.

Anexo nº29 – Reflexão 3 no contexto de 1ºCEB

“Objetivos definidos, o que aprendi e o que considero mais relevante”

Questões de partida:

- Que objetivos definiu/definiram até agora? Propus-me/propuseram-se atingir o quê?
- O que aprenderam até agora?
- O que é que foi mais relevante no estágio?

Ao longo de todo este percurso formativo que tenho desbravado, tenho cada vez mais a certeza de que o estágio é o tempo de experimentar, errar, refletir sobre o erro, voltar a tentar, e quando correr em conformidade, experimentar diferente.

Por que este não é só o tempo de ensinarmos, mas sobretudo, de aprendermos. Mais ainda, aproveitarmos todos os recursos disponíveis para crescermos, tais como o exemplo do professor e orientador cooperantes.

E se há fronteira que delinea este percurso é a linha de uma formação não só ao nível académico como também pessoal. Na medida em que, só um professor capaz de refletir sobre a ação e defender a mudança, sobretudo da sua própria intervenção, é que conseguirá proporcionar aos seus alunos aprendizagens diferenciadas e significativas.

“Ensinar é a arte da assistência à descoberta” e só um profissional docente que desperte a curiosidade, o interesse, a confiança para intervir e a confiança para partilhar, conseguirá criar e recriar aventuras pedagógicas dentro e fora da sala de aula.

Em qualquer aventura existem: **objetivos**. E se para o aluno o objetivo deverá ser o ponto de chegada, para o professor ele deve ser o instrumento para todo o caminho. Pois ele mesmo deve ser capaz de elementar objetivos para si e para os alunos, enquanto individualidade e turma.

Desta forma, e falando sobre a minha experiência até ao momento, tenho traçado objetivos a curto e médio-prazo. Num primeiro caso, a curto-prazo, objetivos primordiais como conhecer os nomes dos alunos, conhecer os seus interesses e dificuldades, conhecer as competências já adquiridas e quais as que posso apoiar a desenvolver, observar a sua organização e participação durante as aulas, de que forma se sentem ou não integrados e planificar uma intervenção que dê lugar a todos e que lhes permita conhecer-me e terem sobretudo confiança para partilharem as suas dificuldades e receios.

Estes “pequenos” objetivos só fazem sentido se existir uma continuidade, e nessa continuidade surgem os objetivos a médio-prazo, que vou definindo e redefinindo todas as semanas. Nomeadamente, adequar a intervenção às necessidades que conheci, procurar desafios diferentes para os diferentes alunos, melhorar os indicadores reforçados pela orientadora cooperante, alimentar uma postura feliz e segura, que oriente toda a turma. Planificar não só as aulas como também momentos e materiais que fomentem o desenvolvimento da formação pessoal das crianças, sozinhos e enquanto grupo, e refletir sobretudo sobre as coisas que correm menos bem, não as evitando, mas sim cortejando, como se cada uma delas fosse o próximo desafio. Na medida em que, se elas nos surgem são para serem trabalhadas.

Se observarmos a pirâmide da aprendizagem criada por Edgar Dale’s, constatamos que a maior percentagem de sucesso educativo, constitui momentos como ensinar os outros, aprender-praticando e discutir em grupo. E são estes alguns dos principais objetivos que perspetivo para as aulas a lecionar, sendo que culminam todos num sentido maior: proporcionar aprendizagens que façam sentido e que sejam significativas. Refletindo sempre que “A oportunidade de se envolver em atividades e projetos com crianças mais velhas ou mais novas, e a oportunidade de contar aos outros o que fez e de ouvir e conhecer outras formas diferentes de construir um barco ou fazer uma flor, são momentos desafiadores de avanço cognitivo e social.” Percecionando que o essencial não estará no resultado final da aprendizagem, mas sim nas relações, passos e desafios experienciados através dela.

Para além das aprendizagens em momentos de sala de aula e com os meus alunos, sinto também que tenho crescido e **aprendido** muito com a partilha entre o grupo de colegas estagiárias e a orientadora. E se para mim a equipa educativa tem um papel fundamental, em prol do ambiente educativo, as minhas colegas estagiárias e a forma como partilhamos os receios, ideias e vitórias, têm-me permitindo adaptar e reformular a minha intervenção, tantas vezes quantas as necessárias para ser sempre mais capaz e alcançar momentos positivos de aprendizagem. E confesso que esta partilha em prol do ensino, tal como as características a melhorar apontadas pela orientadora cooperante, têm-se tornado num dos elementos mais **relevantes** neste e para este percurso enquanto estagiária.

Anexo nº30 – Reflexão 4 no contexto de 1ºCEB

“O que aprendi com a Orientadora Cooperante, Supervisora e colegas de estágio? O que é ser um bom docente?”

Questões de partida:

- O que aprendi até agora com o/a Orientador(a) cooperante?
- O que aprendi até ao momento com a minha Supervisora?
- O que aprendi com as minhas colegas do meu Centro de Estágio?
- O que é ser um bom docente?
- Que virtudes aponta para a boa docência?

Um dia alguém escreveu “não importa o fim, mas sim o caminho”. Também Cora Coralina nos diz “caminhando e semeando, no fim terás o que colher.” Palavras sábias que se confirmam ao longo de todo este estágio.

Curioso como tantas vezes idealizamos o fim do caminho e não o próprio caminho que queremos percorrer, quando o sonho deveria ser ele mesmo. As superações que travamos, as pessoas que conhecemos.

Pessoalmente, acredito que todas as pessoas que conhecemos têm um sentido positivo. Na medida em que para mim, em fases tão importantes na nossa vida, nomeadamente as de trabalho, existem pessoas-missão e pessoas-lição. Hoje sei, que as que estão ao meu redor ao longo deste estágio quase final, mas eterno, desde os meus alunos, à docente cooperante, à supervisora e às minhas colegas de estágio, são pessoas-missão. Que conseguem preencher e delimitar este meio, mas ao mesmo tempo dar as mãos para ir além dele, porque só aprendemos quando vamos mais além. Quando chegamos a um lugar e nesse lugar, ainda que felizes, traçamos uma nova meta.

Através das reuniões, documentos de observação e conversas com a **supervisora**, foi-me possível crescer, observando as suas grelhas e definindo o que haveria ainda a melhorar. E, sem dúvida que a supervisora se tornou um exemplo para mim pelo facto de saber adequar as palavras e as observações que faz, a cada uma de nós. Uma atitude que fomento diariamente para com cada um dos meus alunos. O facto de a supervisora organizar reuniões com as outras **colegas de estágio**, fomentando um ambiente de partilha e crescimento mútuo, permitiu não só fortalecer a nossa relação entre colegas, como também saber ouvir o erro do outro como uma aprendizagem para nós mesmas. Refletindo sobre algo escrito acerca das crianças e que faz todo o sentido se falarmos

sobre as relações dos adultos: “A vida em grupo implica confronto de opiniões e necessidade de resolver conflitos que suscitarão a necessidade de debate e de negociação, de modo a encontrar uma resolução mutuamente aceite pelos intervenientes”. (ME,2016, p. 39). Concluindo assim que só quando desenvolvemos um trabalho em grupo e de equipa, fortalecemos características, opiniões fundamentadas e a capacidade de gerir. Ponderando que éramos um grupo de colegas de turma, em que no caso de algumas ainda não se conheciam bem, foi destino formarmos uma equipa tão verdadeira e leal, cada uma com os seus pontos mais fortes e tão pessoais, que se iam conhecendo umas às outras ao mesmo tempo que se conheciam a si mesmas enquanto professoras.

A minha sala é a sala nº13. O número dos azares sortudos, dos azares que se tornam sorte. Quando entrei nesta sala e conheci os meus alunos questionei-me sobre se seria capaz de lidar com todas as exigências e necessidades num tempo tão destinado a corresponder a um programa de ensino e horários já definidos. Ser estagiário é ter de lidar com as adversidades com um olhar primário de sonhos e vontades, mas com a experiência que ainda não temos. E, por isso, sabia que seria tão importante dedicar o meu tempo a observar a professora da turma, **orientadora cooperante**. Percebi desde cedo que algumas das missões que partilhava com a professora cooperante era a fomentação de uma educação para os valores e sobre os valores e que um bom docente é aquele que ao invés de dar respostas, ensina os seus alunos a procurar por elas.

A orientadora cooperante partilhou comigo a turma, os tempos, os materiais, as decisões, as aulas, a sua sabedoria, a sua experiência, as suas opiniões. E sobretudo o exemplo de que não só transferimos conhecimento aos alunos como aprendemos com eles ao longo de toda a vida. Comprovando-me assim que o número da nossa sala se referia afinal às **13 virtudes para a boa docência**. Na medida em que, ao observar precisamente os aspetos menos bons deste mundo docente, conhecemos as fragilidades e dificuldades pelas quais um docente pode passar e nos fazer compreender que o mundo da boa docência é feito de **perseverança, dedicação, resiliência, paciência, autonomia, criatividade, conhecimento, entrega, disponibilidade, método, capacidade de refletir, capacidade de trabalhar em equipa partilhando e braços gigantes!**

Um dia disseram-me que “difícilmente o feijão dos teus miúdos vai crescer, já se experimentou em salas assim e não resultou. Estas salas não têm ambiente propício a isso. Faz outra coisa.” Mas os meus alunos queriam muito e eu também. Por isso levei o feijão e expliquei-lhes que o nosso era mágico, e que tínhamos de cuidar dele todos os dias. E ele, cresceu muito, mais do que o normal até. É isto que levo para a vida. Quando o mundo

diz que não vai dar, que vai ser difícil, que não somos capazes ou que não temos o que é preciso, contrariamos. Porque o que fazemos com o coração, resulta sempre em algo bom. Porque tudo na vida tem o poder e a importância que a gente dá. Porque todo o professor deve ser o exemplo de força do seu aluno. E porque mesmo que o feijão não crescesse, nós tínhamos experimentado e estávamos agora a menos uma hipótese de falhar!

Anexo nº31 – Reflexão 5 no contexto de 1ºCEB

“Dificuldades que penso que irão surgir, objetivos para este semestre de estágio e o que pretendo fazer de diferente.”

- Dificuldades que penso que irão surgir
- Objetivos para este semestre
- O que pretendo fazer de diferente
- Classificação que desejo obter em estágio

Todos os momentos de distanciamento da prática são pertinentes para a reflexão sobre a mesma. Na medida em que este afastamento nos permite ter uma opinião mais concreta sobre o decorrer da nossa intervenção, não sendo influenciada pela relação direta com o estágio ou pelo facto de no momento só nos debruçarmos sobre determinadas preocupações, valorizarmos determinados indicadores e não outros igualmente importantes.

Neste sentido, possibilita-nos assim refletir sobre os resultados da nossa intervenção, sobre de que forma é que foram ou não significativos, sobre os perfis docentes que nos rodeiam e que representam exemplos pertinentes para a construção do nosso próprio perfil, sobre as aulas que dinamizamos e que correram melhor ou menos bem e as razões para esse efeito, sobre os recursos que fizeram mais sentido, sobre se a relação que criamos com os nossos alunos e a escola espelha tudo o que realmente queríamos abraçar.

Estes momentos são fundamentais para que de vez em quando as ideias sejam de novo organizadas e sejam repensados os velhos e traçados os novos objetivos.

O tempo vai correndo e cada vez mais me debruço sobre as características essenciais para ser um professor de excelência, e sobretudo sobre o facto de que nesta profissão a “vocação é mais do que carinho pelas crianças.”

Se nos debruçarmos sobre o Decreto-Lei 240/2001 de 30 de agosto, o perfil geral do professor está dividido em quatro diferentes dimensões, nomeadamente: a dimensão profissional, social e ética; a dimensão do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; a dimensão da participação na escola e de relação na comunidade; e a dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida. O que nos transmite a nós enquanto futuras profissionais que ser professor do Século XXI está longe de ser similar ao que foi exigido até então e que depende vivamente do amadurecimento profissional e pessoal transversal a todas estas dimensões anteriormente elencadas.

“É triste que a felicidade de uma criança na escola, dependa do professor que a toque.” mas também eleva profundamente a responsabilidade do professor de fazer da escola um lugar onde o aluno se sinta integrado, feliz e capaz.

A responsabilidade alimenta receios e os **receios sentidos** vão sendo diferentes ao longo do estágio e dependem necessariamente dos aspetos que valorizamos no momento, no contexto educativo, ou nas preocupações que vão surgindo. Não obstante, os receios significam também que nos deparamos com uma dificuldade diferente, nova, que leva a um questionamento e à procura de informação que possibilite soluções. E só este processo alimenta o crescimento da profissionalização docente.

A dias de regressar ao estágio, as **dificuldades** que penso que irão surgir serão o facto de ter estado algum tempo ausente da turma e de voltar a conseguir gerir os momentos de distração dos alunos e o ruído da sala. Para além disso, sinto também receio de já não ter tempo de experimentar tudo o que seria imprescindível para a minha formação e construção de perfil docente. Mas sempre que reflito sobre o mesmo, concluo que ainda restassem muitas mais semanas de estágio, as mesmas nunca seriam as suficientes para me sentir totalmente preparada. Pelo que, o crescimento e amadurecimento profissional se dá graças às experiências que surgem ao longo da vida e da forma como as olhamos, como oportunidades de aprender sempre mais e fazer sempre melhor. E se cada aluno representa um mundo diferente, terei sempre mundos novos e diferentes ainda por conhecer!

Até ao momento, aprendi que nem sempre se trata de fazer sempre diferente, mas simplesmente não fazer sempre igual. Porque mesmo o que é sempre diferente se torna sempre igual. E porque mesmo o que por vezes se repete não se repete de forma igual, mas sim diferente, e se torna também um recurso-chave de observação. Compreendendo assim que estes dois elementos são fundamentais de acordo com as necessidades da turma no momento.

No que concerne aos **objetivos** que tenho definidos para este semestre, destaco a vontade de desenvolver atividades significativas para o meio escolar em cooperação com as colegas de estágio, criar também recursos que façam sentido e possam ser empregues pelos alunos em diferentes situações, ao invés de terem uma única utilidade, experienciar planificações e aulas nas quais os alunos estão divididos em grupos e sentir que consigo exercer plenamente o perfil de professor com o qual me identifico, ao longo de toda a prática que falta.

Também pretendo **intervir de forma diferente** no que diz respeito à dinamização de momentos de assembleia de grupo e de avaliação das próprias aulas. Neste sentido, pretendo dinamizar assembleias de grupo e a prática reflexiva com os alunos, conseguindo que esses momentos sejam conciliados com os conteúdos a lecionar. Durante este tempo de pausa, pesquisei mais sobre dinâmicas reflexivas que poderia colocar em prática e defini assim alguns meios de introduzir essa prática através da disciplina do Português, nomeadamente, aproveitando a leitura e interpretação de partes de texto de histórias nomeadas pelo plano nacional de leitura para o 1º ano, como por exemplo:

- O Príncipezinho de Antoine de Saint-Exupéry
- O dono de tudo de António Almeida

- A princesinha corajosa de Mário Contumélias
- Por que somos de cores diferentes Camen Gil
- Espelho de Suzy Lee
- A manta de Isabel Minhós Martins
- A menina que só sabia contar até 3 de Alexandra Monteiro
- A menina que detestava livros de Manjusha Pawagi
- O coelhinho branco de Xosé Ballesteros
- Mozart de Ann Rachlin
- O dia da amizade de Ann Braybrooks
- Eu quero um amigo de Tony Ross
- Era uma vez um dia normal de escola de Colin McNaughton
- A flor vai ver o mar de Alves Redol
- Depois da chuva de Miguel Cerro Rico
- A ovelhinha preta de Elizabeth Shaw
- A árvore da vida de Peter Sis
- O rapaz que tinha medo de Mathilde Stein
- É tão injusto! De Pat Thomson
- Há coisas assim de António Torrado
- Se eu fosse muito forte de António Mota

Através destas histórias pretendo não só desenvolver competências ao nível da leitura, nomeadamente, a interpretação, avaliação da aula e discussão de ideias, como também aproveitar a moral de algumas destas e transpor as mesmas para o quotidiano dos meus alunos, percecionando qual a sua opinião e transmitindo-lhes bons exemplos. Transversalmente estarei a abordar díspares assuntos como os valores sociais, respeito pelo outro, consciência sobre as suas próprias ações e respeito pelas dos outros, integração da diferença, força interior para enfrentar adversidades, resolução de conflitos ou paradigmas que surjam e que sejam identificados pelos alunos da turma. Posteriormente, poderão ser os alunos da turma, em diferentes grupos definidos semanalmente a ir transmitir essa mensagem ou exemplo de resolução de conflitos a outras salas.

Sendo assim os paradigmas sociais o mote para pequenas assembleias de turma que com certeza se transformarão em momentos significativos, na medida em que são assuntos que lhes dizem respeito e sobre os quais poderão tomar decisões. Acreditando que a escola não deverá unicamente preocupar-se com o currículo, os conteúdos a lecionar e as classificações, mas sim sobre o aproveitamento da responsabilidade e voz social dos alunos que lhes permitam no futuro serem cidadãos ativos e capazes de tomar decisões e de as fundamentar.

Debruçarmo-nos sobre a nota final de estágio que pretendemos alcançar, faz todo o sentido se refletirmos, não nesta avaliação como um número, mas sim sobre os indicadores que constituem essa nota que elencam claramente características pertinentes e indispensáveis para sermos capazes de exercer esta profissão. Neste sentido ambiciono

colocar em prática os objetivos anteriormente definidos e com eles percorrer um caminho de amadurecimento profissional, intelectual, social e pessoal, que me permita fortalecer uma “postura segura, inovadora e criativa em todo o processo de ensino-aprendizagem, salientando: o domínio de conceitos científicos e pedagógicos, a implementação de metodologias adequadas aos conceitos a desenvolver, a implementação de estratégias adequadas aos conceitos a desenvolver, a utilização criativa de recursos, a auto e heteroavaliação e a diferenciação pedagógica.”.

César Bona defende que o professor “não deve procurar desculpas, mas sim dar o melhor de si.” e independentemente dos fracassos e das vitórias, de termos muitas perguntas e poucas respostas, dos escassos recursos ou das dificuldades, a minha verdadeira aspiração será sempre ter força para dar o melhor de mim, pois esse é o melhor exemplo que poderei dar aos meus alunos.

Anexo nº32 – Reflexão 6 no contexto de 1ºCEB

“O decorrer do estágio, com quem tenho aprendido e o que aprendo”

Tendo em conta as diferentes fases de intervenção educativa - observação, preparação/planificação, ação e avaliação:

- Explícite como está a decorrer o processo de estágio
- Com quem tem aprendido mais?
- O que tem aprendido?

É inexplicável o facto de estarmos numa formação profissional para ensinar e de sermos nós quem mais aprende diariamente.

E se comecei esta intervenção educativa acreditando que me deveria debruçar sobre cada uma destas fases individualmente, hoje sei que elas nunca irão funcionar de um modo fechado e que afinal são muitas mais do que a observação, planificação, ação e avaliação. São também o que refletimos quando não estamos no estágio, nem a planificar, nem a observar ou avaliar. São momentos em que nos deitamos a pensar sobre um aluno, sobre uma aula, sobre o nosso exemplo, sobre o que poderemos e queremos fazer. São os momentos em que falamos apenas connosco, aqueles em que somos verdadeiramente transparentes sobre os medos e receios.

Neste regresso para o estágio final, a fase da observação tem sido a mais importante, pois se pretendemos planificar para dar resposta, precisamos de saber aquilo que queremos avaliar, e consecutivamente, o que precisamos de planificar.

Sinto sobretudo que esta formação me tem permitido crescer transversalmente, enquanto profissional e enquanto ser humano que, tal como tantos outros nesta profissão de vida, precisa sobretudo de aprender a gerir. Gerir tempos e rotinas, gerir problemáticas, gerir o facto de nem sempre ter soluções para tudo o que o rodeia e mesmo assim não perder o rumo nem a força de continuar a tentar. E se as exigências diárias desta formação nos ensinam “o que gerir”, são os excelentes profissionais que nos rodeiam que nos ensinam “como gerir” e não nos deixar parar no tempo.

A orientadora cooperante transmite-me como gerir as exigências do que está planificado pelo Ministério, pelos documentos legais, pelos manuais, sem nunca esquecer primeiramente as necessidades dos meus alunos e que a maior parte delas não se encontra em páginas e páginas escritas sobre o que é ser criança ou professor, mas sim em me sentar ao lado de cada um deles e os escutar.

A supervisora de estágio, transmite-me o exemplo vivo, real, de que tudo é possível, mas que não basta acreditar. É preciso trabalhar todos os dias, principalmente naqueles em que não temos qualquer medalha à nossa espera a não ser a certeza viva de que os caminhos que abraçamos com os alunos foram **significativos** e que lhes permitem estar preparados para o futuro, para propor soluções, para as fundamentar, para tentar, para aprender em comunidade, para crescer em cidadania. E, na verdade, são os exemplos reais os que mais nos transformam, porque eles representam pessoas que tal como nós estiveram em situações igualmente exigentes e conseguiram.

As companheiras de estágio transmitem-me que um grupo de pessoas particularmente diferentes, que ficaram inesperadamente juntas, podem exercer um trabalho, uma parceria e um apoio incalculável e forte, tão forte que em certos dias nos sinto a puxar cordas umas pelas outras sem deixar ninguém para trás. Como se já não fizesse sentido alcançarmos o fim sem sabermos que até lá levamos todas as pessoas que nos permitiram superar estes anos de formação.

Os meus alunos transmitem-me que vão esperar sempre por mim, pelas 9 horas da manhã e que independentemente do que eu afixe na porta, no quadro ou no seu caderno, as aprendizagens mais importantes que lhes poderei dar ficam registadas na forma mais simples, nas memórias e no coração.

Hoje, tenho a certeza, que a Educação não pode nem deve ser um mundo fechado, pois ela precisa de múltiplos olhares se complementem e construam as escolas do futuro. Assim que regresssei ao estágio, comprovei que tal como anteriormente refletido, os receios foram diferentes do que aqueles que imaginei. Em apenas um mês os alunos tinham todos crescido, o ritmo de trabalho aumentado e as aprendizagens avançado. Precisava de trabalhar ainda mais e tenho a certeza que as duas primeiras semanas foram as mais difíceis e ao mesmo tempo aquelas em que mais aprendi.

Foi uma luta contra o tempo, para conseguir modificar tudo o que havia planificado ou idealizado, pois afinal as necessidades eram agora outras, novas. Precisava de as conhecer, precisava de lhes dar resposta e sobretudo de saber colocar de lado tudo o que havia adiantado. Sentimos pelas primeiras vezes a frustração de acharmos que temos tudo sobre controlo e de afinal termos de começar do zero. Mas, ao mesmo tempo que trabalhava, alimentava em mim uma atitude resiliente que não me deixava estancar. Poderia até planificar muitas mais vezes a mesma aula, chegar à sala e a professora cooperante dizer que teríamos de mudar tudo de novo, mas pelo menos sabia que tinha tentado e que agora estava mais perto de conseguir, pois tinha conhecido mais alguns erros e adversidades e só assim poderemos ser mais capazes. Há momentos na nossa vida em que não podemos simplesmente passar à frente, faz parte e é indispensável viver todos os sentimentos que esse caminho nos pretende fazer viver e crescer. A todas estas pessoas que me dão a mão enquanto o percorro, sei que a única forma de lhes agradecer é continuar, sem desistir, dar-lhes a mão, sem as deixar desistir, e saber que no fim

estaremos todas nós, mesmo que poucas, a defender, acreditar, fazer da educação, um mundo de todos e para todos.

Anexo nº33 – Reflexão 7 no contexto de 1ºCEB

“Princípios pedagógicos que não abduco e como os coloco em prática”

- Que princípios pedagógicos não abduco?
- Como coloco em prática esses princípios?

Profissionalmente, e especialmente em práticas profissionais como esta- em que o nosso trabalho está intrinsecamente ligado a tantas outras pessoas e sobretudo crianças que se revêm no nosso exemplo- acredito que todos nós vivemos dias em que nos sentimos constantemente avaliados entre o nosso ser-profissional e ser-pessoal. Acredito também que devemos encontrar um equilíbrio entre os dois, mesmo quando é difícil. Será possível nos debruçarmos sobre os princípios pedagógicos, de forma isolada e afastada, dos princípios e valores que preservamos enquanto pessoas?

Antes de nos debruçarmos sobre o que pressupõe efetivamente o perfil do educador e do professor e, todos os princípios pedagógicos que integram estes perfis, será fundamental refletirmos sobre a finalidade dos mesmos. Estará tudo no olhar que pretendemos ter sobre os documentos, sobretudo na postura construtiva e focada em retirar o melhor partido de cada um deles, ao invés de os entender como regras inalteráveis, inalcançáveis.

Estes perfis e princípios pedagógicos surgem como uma linha orientadora, que se pode apresentar de forma reta, se nos encontrarmos a percorrer um caminho, ao mesmo tempo que de forma curva, constituindo um círculo delimitador, ao invés de limitador, entre o que somos, o que acreditamos, o que temos, o podemos, o que devemos e, sobretudo, o que sonhamos! O que sonhamos para as crianças e para a equipa educativa que temos diariamente diante de nós, ao mesmo tempo que lado a lado.

Nenhum documento estará algum dia totalmente exato para a geração que temos diante de nós e não deverão existir profissionais que procuram criticar, mas sim profissionais que compreendem que todos os dias a geração muda e que com toda a certeza os documentos possuem uma orientação importante para o seu trabalho. Não serão perfeitos, mas nós também não.

E entre adaptações documentais e o investimento numa formação profissional contínua, devem os educadores e professores hoje ter consciência que educam e ensinam para uma nova era, que se transforma todos os dias e que exige também a nós, que ao invés de acompanharmos essas transformações, sejamos os principais promotores delas. Sendo conscientes de que há “cada vez mais, necessidade de mentes aptas para analisar e resolver na sua complexidade os seus problemas fundamentais e globais, os sistemas de ensino, em todos os países, continuam a parcelar e separar os conhecimentos que deveriam ser religados, continuam a formar mentes que apenas privilegiam uma única dimensão dos problemas, ocultando os outros.” E que, neste sentido, a escola carece urgentemente de se representar em microssistemas dotados de dimensões significativas e estruturantes, que possibilitem às crianças experienciar, crescer, desenvolver, aprender,

sempre de um modo natural, coerente e feliz. Essa escola está nas mãos dos professores, das equipas educativas, mais do que em qualquer outro recurso.

Tudo isto me eleva para o princípio em que mais acredito para mim enquanto pessoa, enquanto parte de uma equipa, e enquanto profissional que orienta o desenvolvimento e crescimento de tantas crianças: devemos incentivar uma forma de estar cooperativa, na qual trabalhamos para objetivos, que mesmo não sendo comuns, têm um lugar destinado para TODOS, sem exceção. Pois o espaço não se divide, multiplica-se. Pois, o foco não é o discutir sobre o que está certo ou errado, mas sim construir soluções para o que fazemos juntos a tudo isso. Devemos demonstrar, por via de experiências, que no que concerne à complexidade, à dificuldade e contradições, “quando nos deparamos, por vias empírico-rationais, com contradições, isso não é um sinal de errado, mas antes da descoberta de uma camada profunda da realidade que a nossa lógica não saberia explicar, precisamente devido à sua profundidade.”

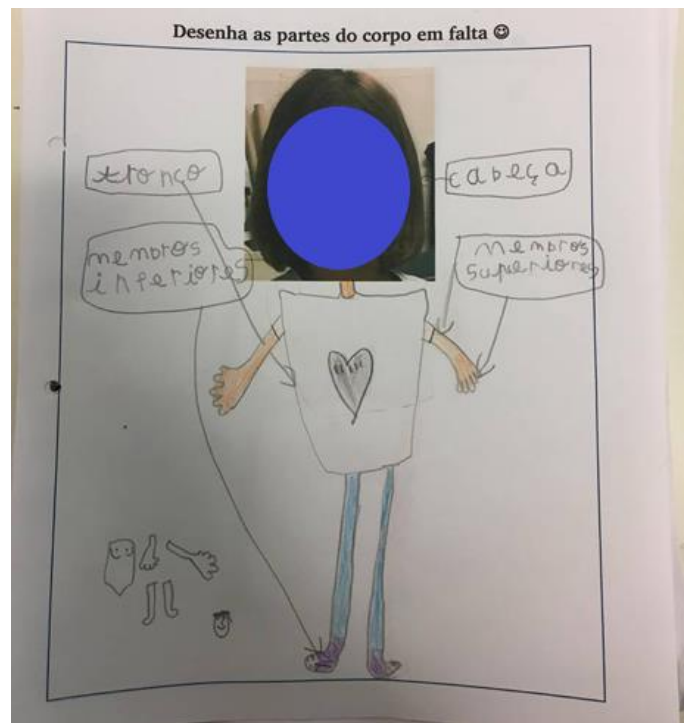
Tal como o nome indica, os princípios, simbolizam inícios, a base de um sistema, da mesma forma que representam segundas oportunidades, melhorias para esse sistema, sempre que necessário. Nesta margem de pensamento, não abduco de princípios que, de igual modo, são estruturantes e passivos de transformações, sempre que o meio educativo onde trabalho assim o requiere, em vista à promoção do sucesso educativo. Nomeadamente:

- Motivar os alunos, recorrendo muitas vezes a elementos surpresa;
- Alimentar nos alunos a curiosidade pelo que pode acontecer na aula;
- Adotar diversas estratégias de ensino;
- Transformar a sala em experiências sociais, promotoras da partilha de ideias, trabalho cooperativo, encontro de soluções e respeito pelo outro e pelas várias identidades culturais;
- Privilegiar diferentes métodos pedagógicos, a planificação, observação, avaliação e reflexão;
- Criar planificações e avaliações com diferentes objetivos de ação e observação;
- Dar resposta às necessidades dos alunos e conhecer os diversos meios de apoio que a comunidade escolar e social dispõe;
- Dinamizar aulas significativas, numa linha condutora, com sentido e qualidade;
- Diversificar os recursos e exposição dos mesmos;
- Atender aos níveis de desenvolvimento e de criatividade dos alunos dentro da mesma sala;
- Fomentar um ambiente de acolhimento, estabilidade, autonomia, confiança e coerência;
- Preservar uma atitude que privilegia o facto de o professor também aprender muito com o aluno;

Para quem esta profissão representa um sonho, todos os sonhos exigem trabalho, tanto trabalho quanto os sorrisos, abraços, os momentos, o crescimento, as aventuras pelos conteúdos, as aprendizagens nas pequenas representações de cidades em que se tornam as nossas salas.

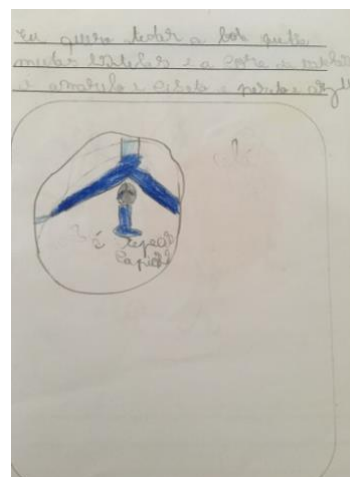
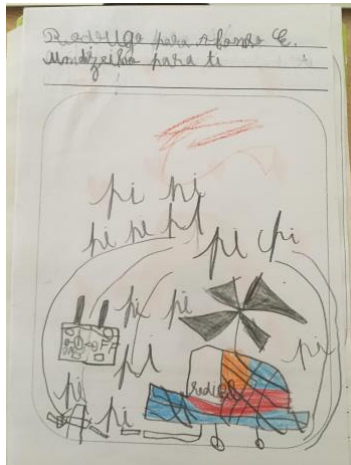
Anexo nº34 – Atividade 1 no contexto de 1ºCEB

“O nosso género, os nossos gostos/preferências e o nosso corpo”



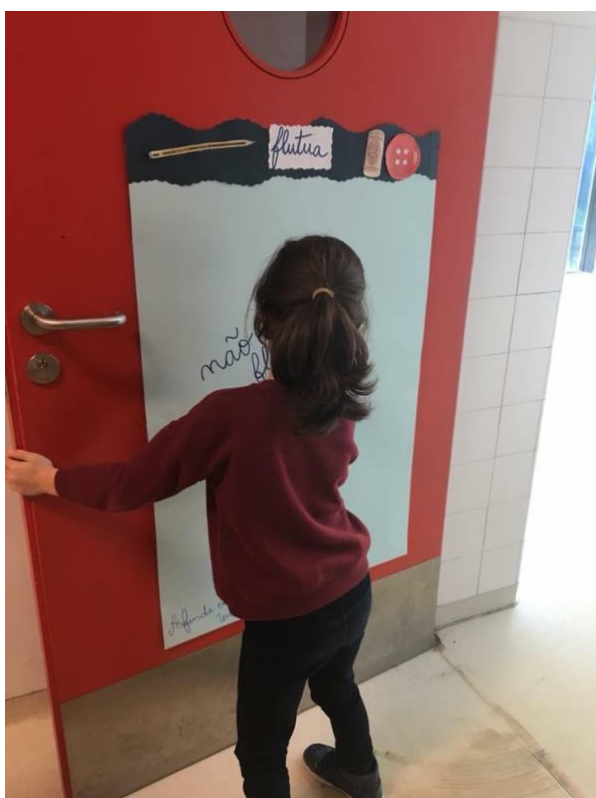
Anexo nº35 –Atividade 2 no contexto de 1ºCEB

“O que é ser amigo?”



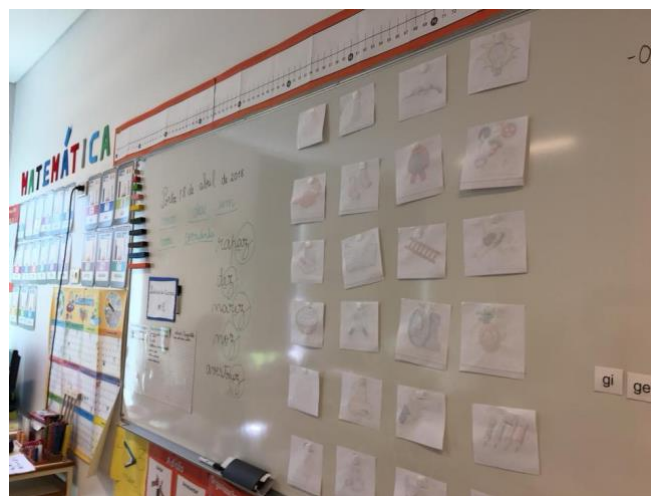
Anexo nº36 –Atividade 3 no contexto de 1ºCEB

“Flutua, ou não flutua?”



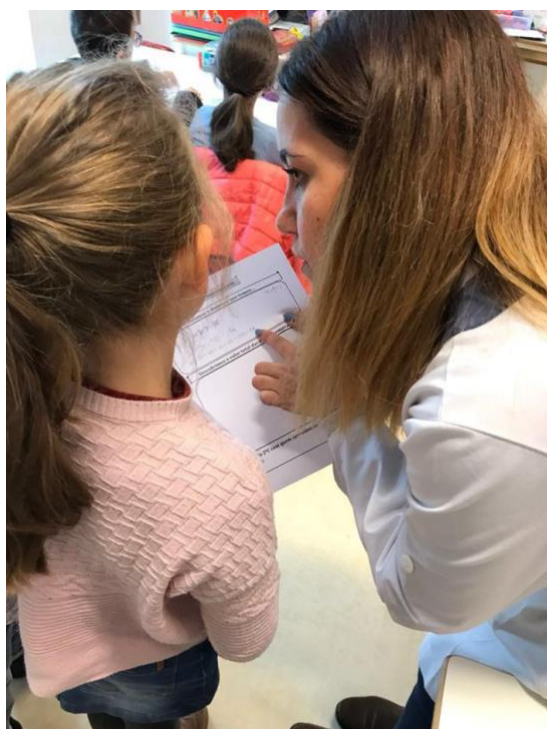
Anexo nº37 –Atividade 4 no contexto de 1ºCEB

“Um ditado diferente”



Anexo nº38 –Atividade 5 no contexto de 1ºCEB

“O nosso supermercado”



Anexo nº39 – Instrumentos 1 e 2 de participação e avaliação pelas crianças



Diário de turma		
O que gostamos de fazer	O que queremos melhorar	Ideias/Sugestões
“exercícios de matemática que a professora Ana traz”	“Irmos menos vezes à casa de banho”	“uma aula para pintar”
“Trabalhar com as professoras”	“Gostava de pintar melhor”	“mais fichas divertidas Ana”
“Gosto de fazer contas”	“Melhorar o comportamento”	
“Eu gosto de ser o chefe de turma”	“Estar com atenção”	
“Eu adoro muito fazer fichas”	“Ter a mesa arrumada”	
“Eu gosto de vir à escola”		

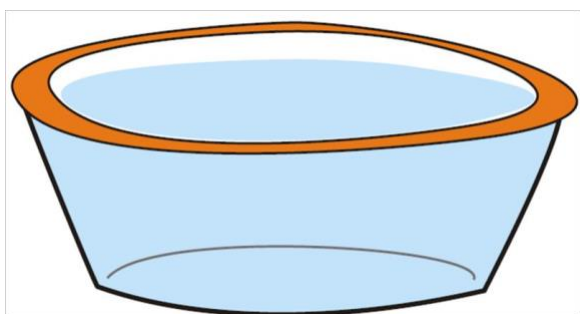
Anexo nº40 – Instrumento 3 de participação e avaliação pelas crianças

Avalio a aula:

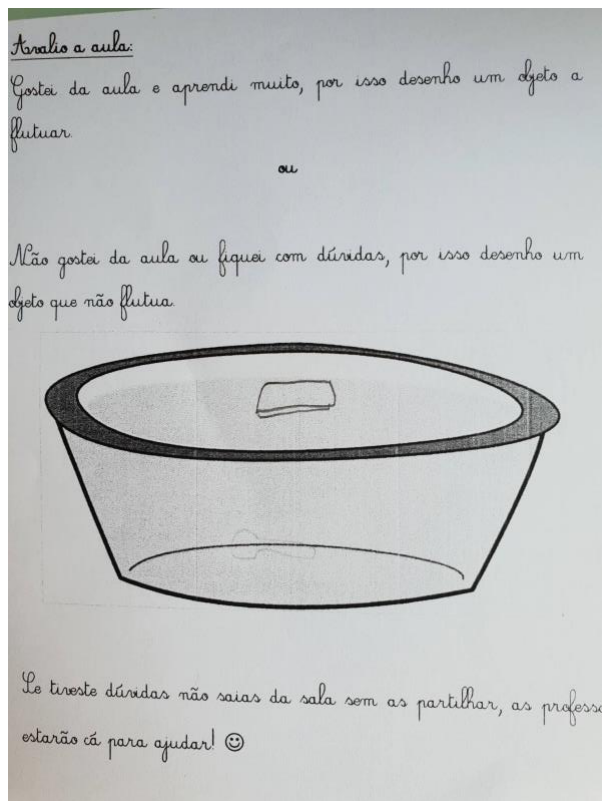
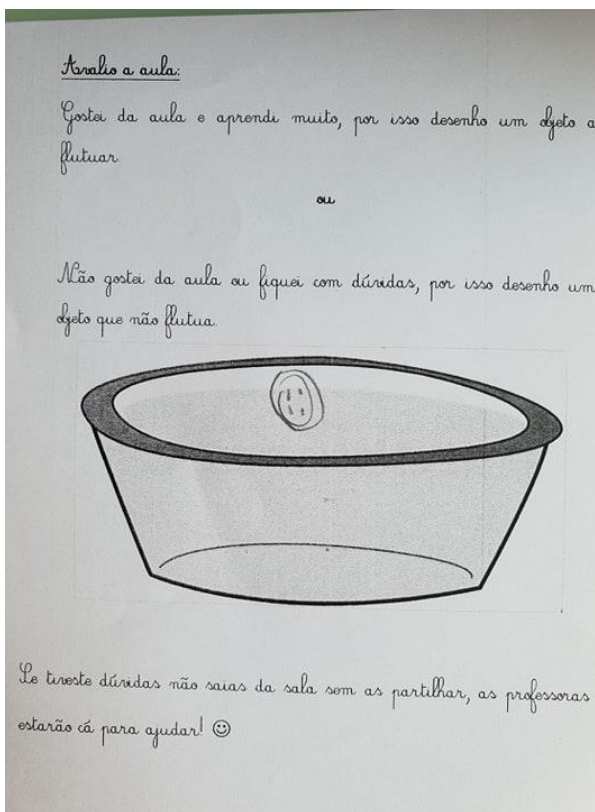
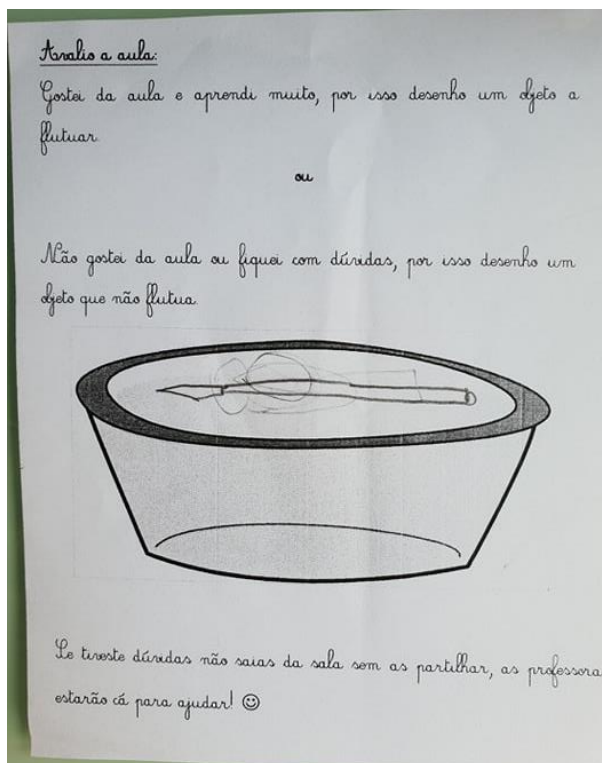
Gostei da aula e aprendi muito, por isso desenho um objeto a flutuar.

ou

Não gostei na aula ou fiquei com dúvidas, por isso desenho um objeto não flutua.



Se tiveste dúvidas não saias da sala sem as partilhar, as professoras estarão cá para ajudar! ☺



Anexo nº41 – Instrumento 4 de participação e avaliação pelas

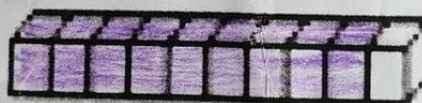


Avalio a aula pintando as unidades, entre 1 e 10, de acordo com a minha opinião.

Avalio a aula pintando as unidades, entre 1 e 10, de acordo com a minha opinião. 😊



Avalio a aula pintando as unidades, entre 1 e 10, de acordo com a minha opinião. 😊



Avalio a aula pintando as unidades, entre 1 e 10, de acordo com a minha opinião. 😊



Anexo nº42 – Instrumento 5 de participação e avaliação pelas crianças

Avaliamos o que aprendemos e como aprendemos...

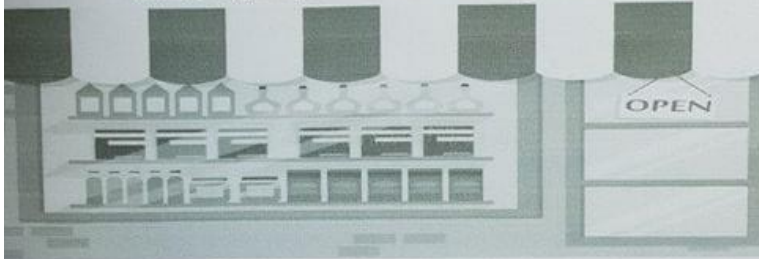


Questões para refletirmos	☹️	😐	😊
Conseguimos contar o dinheiro da semanada			
Conseguimos contar o dinheiro dos produtos			
Escolhemos os produtos de acordo com o dinheiro que tínhamos			
Tomamos decisões em equipa			

Os nossos comentários	
O que mais gostamos:	O que podia correr melhor:
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

A brincar aprendemos...

Avaliamos o que aprendemos e como aprendemos...



Questões para refletirmos	☹️	😊	😊
Conseguimos contar o dinheiro da semana			X
Conseguimos contar o dinheiro dos produtos			X
Escolhemos os produtos de acordo com o dinheiro que tínhamos			X
Tomamos decisões em equipa			X

Os nossos comentários

O que mais gostamos:	O que podia correr melhor:
<i>supermercado</i>	
<i>com a professora</i>	

A brincar aprendemos...
de como é lá do supermercado

As nossas compras

Contamos o dinheiro que temos...

$10 + 5 + 2 + 1 = 18€$
 $2 + 1 = 3€$
 $50 + 50 = 100 = 1€$
 $20 + 20 + 20 + 20 + 20 = 100 = 1€$

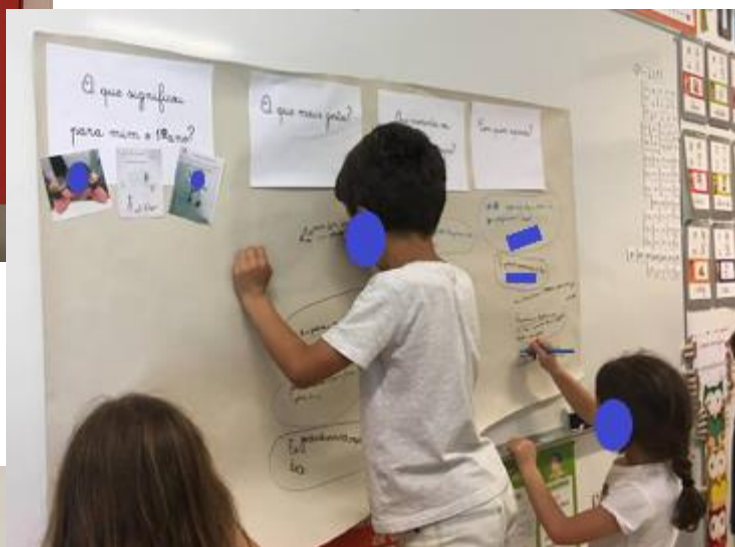
total 120€

Descobrimos o valor total das nossas compras...

$2€ + 3€ + 1€ + 1€ + 2€ + 5€ + 3€ + 2€ = 19€$
 preciso de 19€

Os colegas do 2ºC com quem aprendemos foram:

Anexo nº43 – Instrumento 6 da participação e avaliação pelas crianças “A despedida-assembleia” no contexto de 1ºCEB



A despedida - Assembleia			
O que significa para mim o 1º ano?	O que mais gostei?	Que momentos vou recordar para sempre?	Com quem aprendi?
Foi divertido porque a Ana fez muitas atividades	Aprender com a professora Ana e a professora [REDACTED]	Eu quero recordar sempre a Ana	Aprendi com a Ana e a professora [REDACTED]
Foi aprender com as melhores professoras do mundo	Eu mais gostei este dia com a Ana	Eu vou recordar sempre a Ana para todo o mundo	Eu gostei de aprender com a Ana
	Gostei mais de aprender a Ana e com a professora [REDACTED]		Com a Ana com a professora e gostei muito fiquei muito feliz
	Gostei de aprender com a Ana e gostei de ti		Eu aprendi com a Professora e com a Ana
	Eu gostei de ouvir a o que Ana disse		

Anexo nº44 – Guião da entrevista à Professora de 1ºCEB

Informação complementar: Ano de serviço _____

Bloco A - Importância de um profissional reflexivo:

1. Que importância atribui à assunção de profissional reflexivo na educação?
2. Na sua opinião, quais as características essenciais num profissional de educação para ser reflexivo?
3. Na sua formação inicial e contínua teve formação no quadro do profissional reflexivo? Em caso afirmativo, em que circunstâncias?
4. Na sua opinião, que aprendizagens poderá o professor desenvolver através do trabalho em parceria com um estagiário que desenvolve a prática reflexiva?

Bloco B - Instrumentos mobilizados pela estagiária no decurso do estágio profissionalizante:

5. Quais os instrumentos/recursos mobilizados pela estagiária ao serviço do profissional reflexivo?
6. A estagiária procurou melhorar esses instrumentos e a sua intervenção através da reflexão sobre a ação, durante a ação e depois da ação? Se sim, de que forma?

Bloco C - Impacto da reflexão da estagiária na sua ação educativa:

7. De que forma a prática reflexiva teve impacto na intervenção/desenvolvimento do grupo de crianças?
8. É capaz de identificar alguns momentos informais que espelharam a ação reflexiva da estagiária?
9. Poderá identificar atividades em que a estagiária tenha dado espaço à reflexão e avaliação das crianças perante um determinado conteúdo ou assunto?
10. Destaque alguns exemplos de melhorias sentidas no decorrer da experiência de estágio devido à prática reflexiva realizada pela estagiária.
11. Na sua opinião, a prática reflexiva foi um fator chave no crescimento pessoal e social da estagiária no decorrer da experiência de estágio?

Bloco D - Impacto da reflexão na ação educativa na educadora cooperante:

12. Existiram momentos de reflexão entre estagiária/professor cooperante? Se sim, quer identificar alguns?
13. Qual a sua importância e o impacto que tiveram?
14. Sentiu que beneficiou do facto de ter uma estagiária que valorizava a prática reflexiva? Se sim, em que aspetos?
15. Quer acrescentar mais algum aspeto?

Anexo nº45 – Análise à entrevista da Professora de 1ºCEB

Quadro 1 Bloco A Categoria- Importância do Profissional Reflexivo		
Subcategoria	Indicadores	Evidências
	Muita importância Reformular prática pedagógica Construção de novos saberes	“(…) na medida em que nos ajuda ao longo do nosso percurso, enquanto educadores (…)” “(…) por vezes leva à alteração das nossas práticas ou reestruturação destas.” “(…) a melhorar/reestruturar a nossa prática pedagógica.”
Características do profissional reflexivo	Saber adaptar-se a situações imprevistas Capacidade de escuta Ser mediador do processo de ensino-aprendizagem	“Saber adaptar-se a situações imprevistas (…)” “(…) ser bom ouvinte; ter consciência cidadã e essencialmente ser um bom mediador do processo ensino-aprendizagem.”
Formação no quadro do profissional reflexivo	Prática pedagógica	“Durante a minha prática pedagógica, enquanto aluno e estagiária.”

Quadro 2 Bloco B Categoria- Instrumentos mobilizados pela estagiária no decurso do estágio profissionalizante		
Subcategoria	Indicadores	Evidências
	Diário de turma Avaliação das aulas Diálogo com os alunos	“Os instrumentos/recursos utilizados pela estagiária foram o “Diário de turma” e os mochos do comportamento, afixados na parede da sala, (…)”
	Desenvolvimento da escrita	“No diário de turma, os alunos iam escrevendo livremente, apesar de nem sempre se perceber, pois ainda estão a desenvolver a escrita, nesta idade.”

Melhoria dos instrumentos de prática reflexiva	Diário de Turma	<p>“(...) avaliação das aulas e diálogo com os alunos.”</p> <p>“(...) O Diário de turma foi elaborado mais tarde, ficou visível e acessível a todos, de forma a irem lá escrever o que mais gostaram, o que sentiram mais dúvidas e sugestões de melhoria, normalmente das regras da sala (...).”</p>
--	-----------------	---

Quadro 3 Bloco C Categoria- Impacto da reflexão da estagiária na ação educativa		
Subcategoria	Indicadores	Evidências
Melhorias sentidas no decorrer do estágio	Promoção do diálogo com as crianças Maior interação entre crianças Partilha de vivências entre crianças e estagiária Exposição de dificuldades, constrangimentos	<p>“A prática reflexiva promoveu o diálogo, uma maior abertura das crianças perante o grupo na partilha de angústias/dificuldades e gostos/saberes (...)”</p> <p>“(...) assim como, uma reflexão individual sobre as suas regras/postura na sala de aula.”</p> <p>“No entanto, saliento que nesta faixa etária, as crianças ainda têm dificuldade em se expressarem por escrito, pois é nesta idade que começam a iniciar a escrita.”</p> <p>“Na medida em que os alunos se mostraram mais à vontade para expor as suas dificuldades, constrangimentos, assim como o oposto.”</p>
Momentos que espelham a ação reflexiva da estagiária com as crianças	Abertura ao diálogo sobre conteúdos	“(...) uma maior abertura para o diálogo/debate sobre determinados conteúdos.”

Quadro 4		
Bloco D		
Categoria- Impacto da reflexão na ação educativa da professora cooperante		
Subcategoria	Indicadores	Evidências
Importância da parceria com um estagiário reflexivo	Suscita a reflexão sobre estratégias pedagógicas/metodologias	“Poderá levar o professor a refletir sobre possíveis reestruturações de estratégias/metodologias a aplicar visando sempre o desenvolvimento da criança.”
Estreitar a relação entre professor cooperante/estagiária	<p>Reflexão sobre diversas intervenções educativa</p> <p>Reflexão sobre como motivar os alunos</p> <p>Partilha de aprendizagens e saberes</p> <p>Desenvolvimento de instrumentos e recursos</p> <p>Gerir a atenção e concentração das crianças</p>	<p>“(…) uma maior abertura para o diálogo/debate sobre determinados conteúdos.”</p> <p>“Sim. Sobre quase todas as aulas dadas pela estagiária, sobre determinadas práticas pedagógicas, sobre como motivar os alunos em sala de aula, entre outros... (…)”</p> <p>“(…) assim como, a troca e partilha de saberes.”</p> <p>“Melhoria no desenvolvimento de instrumentos e recursos a usar nas aulas e como usar, de forma a prender a atenção e concentração das crianças.”</p> <p>“(…) é importante, na medida em que permitiu a construção de novos saberes e por vezes leva à alteração das nossas práticas ou reestruturação destas.”</p>